

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós- Graduação em Direito

Jéssica Santos Pereira

**A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO(A) TRABALHADOR(A) COMO
ESTRATÉGIA PARA A DOMINAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO TRABALHO PELO
NEOLIBERALISMO**

Belo Horizonte
2024

Jéssica Santos Pereira

**A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO(A) TRABALHADOR(A) COMO
ESTRATÉGIA PARA A DOMINAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO TRABALHO PELO
NEOLIBERALISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Direito Privado.

Orientadora: Profa. Dr. Maria Cecília Máximo Teodoro.

Área de concentração: Trabalho, Democracia e Efetividade.

Belo Horizonte

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P436c Pereira, Jéssica Santos
A construção da subjetividade do(a) trabalhador(a) como estratégia para a
dominação e exploração do trabalho pelo neoliberalismo / Jéssica Santos
Pereira. Belo Horizonte, 2024.
102 f.

Orientadora: Maria Cecília Máximo Teodoro

Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Direito

1. Trabalhadores. 2. Subjetividade. 3. Ideologia. 4. Neoliberalismo. 5.
Trabalhadores - Exploração. 6. Poder (Ciências sociais). 7. Direito do trabalho. I.
Teodoro, Maria Cecília Máximo. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas
Gerais. Programa de Pós-Graduação em Direito. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 331.1

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Jéssica Santos Pereira

**A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO(A) TRABALHADOR(A) COMO
ESTRATÉGIA PARA A DOMINAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO TRABALHO PELO
NEOLIBERALISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Direito Privado.

Área de concentração: Trabalho, Democracia e Efetividade.

Profa. Dra. Maria Cecília Máximo Teodoro - PUC Minas (Orientadora)

Prof. Dr. Cléber Lúcio de Almeida (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Leonardo Vieira Wandelli (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Carrusca Vieira (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 08 de março de 2024.

[...] A mente do oprimido é a arma mais poderosa nas mãos do opressor (Steve Biko)

AGRADECIMENTOS

Poucos sabem o significado da oportunidade de fazer e concluir um mestrado e, ainda, finalizar a escrita de uma dissertação para mim. Mas este sonho não é apenas meu, como também sempre foi o sonho da minha querida e amada mãe que fez o possível e impossível para que eu pudesse estudar e estar onde estou hoje.

Por isso, já inicio os agradecimentos direcionando a minha conquista de título de mestra em Direito do Trabalho à minha mãe e a todas as mulheres da minha família que contribuíram para que isso fosse possível, afinal, sou a primeira mestranda da família.

Sendo assim, agradeço inicialmente à minha mãe por toda sua força, amor e por ser a minha fonte inesgotável de inspiração na vida e na academia.

Agradeço ao meu pai, por ser presente e acreditar e torcer por mim.

À Manuela, minha amada filha, por ser a minha companheira de vida, minha fã número 1, e por ter suportado as minhas ausências durante esse tempo de pesquisa e escrita. Tudo que eu faço é por nós, meu amor.

À Tia Tusinha e Tia Simone por ficarem ao meu lado e me incentivarem a não desistir dos meus sonhos e serem o meu alento nos momentos que achei que não iria conseguir continuar.

À Paloma pelo apoio e pelas conversas fraternas com as lembranças dos sonhos da minha mãe, me ajudando a nunca desistir dos meus.

À minha orientadora, Maria Cecília Máximo Teodoro, por ser um exemplo de mulher, professora, advogada e mãe. Uma mulher especial que me acolheu e acreditou em mim ao longo desses dois anos de mestrado.

Ao professor Cléber Lúcio de Almeida pelos inúmeros ensinamentos e trocas.

Ao professor Carlos Eduardo Carrusca Vieira pelo acolhimento, paciência e ensinamentos na área da Psicologia, que têm um lugar especial no meu coração.

Aos meus amigos queridos, Nayara, Bárbara, Pedro e Luana, que suportaram as minhas ausências e que, mesmo de longe, se fizeram presentes.

Aos meus amigos do mestrado: Regiane Cunha, Thais de Castro, Rafael Clemente, Rainer Bomfim, Daniela Miranda, Amanda Rosa e Marcos Vinicius Mesquita, os meus sinceros agradecimentos pelo acolhimento, pelo compartilhamento das dores e por todas as trocas jurídicas ou de vida. Todos vocês estarão sempre em meu coração, e só eu sei como foi importante conhecer pessoas tão especiais como

vocês. Foi uma alegria imensa conhecê-los e me tornar sua amiga.

Agradeço ainda a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo financiamento integral do meu curso.

RESUMO

O trabalho sempre foi objeto de construções político-ideológicas que buscaram interferências na sua organização social, culminando na construção da subjetividade do sujeito. Através da realização do trabalho a pessoa transforma o mundo externo, mas também transforma a si mesmo. Desde o início do capitalismo, buscou-se a construção e disseminação de ideologias que sustentassem o modo de produção, formando e moldando a subjetividade das pessoas. A investigação tem como ponto de partida a análise da ideologia neoliberal e a construção da subjetividade do trabalhador. O problema se refere a entender quais são os mecanismos utilizados pelo neoliberalismo para construir a subjetividade neoliberal. A hipótese é de que o neoliberalismo utiliza de diversos mecanismos, como a ideologia do empreendedorismo, neuromarketing, mídias, tecnologia da informação e comunicação, sofrimento psíquico, dentre outros para produzir subjetividades dos trabalhadores para dominação. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foi a análise bibliográfica e documental.

Palavras-chave: neoliberalismo; ideologia; subjetividade; exploração.

ABSTRACT

Work has always been the subject of ideologies seeking interference in its social organization, culminating in the construction of the individual's subjectivity. Through the execution of work, a person transforms the external world, but also transforms oneself. Since the beginning of capitalism, efforts have been made to construct and disseminate ideologies that support the mode of production, shaping the subjectivity of individuals. The investigation starts with the analysis of neoliberal ideology and the construction of the worker's subjectivity. The problem is to understand the mechanisms used by neoliberalism to build neoliberal subjectivity. The hypothesis is that neoliberalism employs various mechanisms, such as the ideology of entrepreneurship, neuromarketing, media, information and communication technology, psychic suffering, among others, to produce worker subjectivities for domination and exploitation. The methodology used for the research development was bibliographical and documentary analysis.

Keywords: neoliberalism; ideology; subjectivity; exploitation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CENPEC	Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CRFB/1988	Constituição Federal de 1988
IA	Inteligência Artificial
PDF	<i>Portable Document Format</i>
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TI	Tecnologia da Informação
TOC	Transtorno Obsessivo-Compulsivo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	NEOLIBERALISMO	14
2.1	Conceito e características centrais	14
3	NEOLIBERALISMO E PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE	30
3.1	A governamentalidade neoliberal	30
3.2	Análise da construção da subjetividade do sujeito	33
4	MECANISMOS DE PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO (A) TRABALHADOR(A)	38
4.1	Da biopolítica à psicopolítica	38
4.2	Do dispositivo neoliberal do gozo e do desempenho: poder e gerencialismo	44
4.3	Neuromarketing e suas estratégias: tecnologia, algoritmos e o big data.....	49
4.4	Mídias e telecomunicações	54
4.5	Sofrimento psíquico como um estado latente do (a) trabalhador (a) neoliberal	59
5	SUJEITO NEOLIBERAL.....	68
5.1	O empresário de si mesmo.....	68
5.2	O consumo como obrigação	72
6	A SUBJETIVIDADE DO MOTORISTA DE APLICATIVO.....	76
7	AS POSSÍVEIS FORMAS DE RESISTÊNCIA DO (A) TRABALHADOR (A) FRENTE AO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL	82
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89

REFERÊNCIAS.....	94
------------------	----

1 INTRODUÇÃO

No dia 16 de fevereiro de 2017, foi sancionada a Lei 13.415/2017 (BRASIL, 2017) que trata do novo ensino médio e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Dentre as mudanças previstas na lei, garante-se que quase metade da carga horária oferecida na grade curricular da juventude seja ofertada pela iniciativa privada através de estágio, trabalho supervisionado, trabalho voluntário, dentre outros.

As instituições participantes das discussões para a sua implementação são instituições financeiras e empresas como Itaú (Unibanco), Bradesco, Santander, Gerdau, Natura, Volkswagen, entre outras. Além desses, podem ser apontadas, ainda, a Fundação Victor Civita, a Fundação Roberto Marinho, a Fundação Lemann, o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), Todos pela Educação e Amigos da Escola.

O teor tecnicista e empreendedor, no lugar de uma formação humana dos jovens de 16 a 18 anos, serve a apenas um ideal: a construção da subjetividade de jovens como um processo para implementação da ideologia neoliberal e a formação dos empresários de si mesmo.

Sendo assim, apesar dos jovens acreditarem que são livres para fazerem as suas escolhas profissionais, eles são obrigados a participar de um projeto neoliberal que oferece o empreendedorismo como a única opção ao futuro profissional.

Diante de tal cenário, a presente dissertação traz como problema a assertiva de que o neoliberalismo, enquanto racionalidade econômica, política, social, cultural, dentre outros, atua no sentido de produzir subjetividades dos trabalhadores, como forma de dominação e exploração, fazendo com que eles se sintam empresários de si mesmos e livres para exercer a servidão voluntária, às investidas do capital.

A hipótese da presente pesquisa é: o neoliberalismo utiliza de diversos mecanismos, como a ideologia do empreendedorismo, neuromarketing, mídias, tecnologia da informação e comunicação, sofrimento psíquico, dentre outros, para produzir subjetividades dos trabalhadores para dominação e exploração desses.

Para debater a hipótese acima exposta, a pesquisa contou com uma

revisão bibliográfica de autores que estudaram o fenômeno do neoliberalismo e suas críticas, assim como analisaram a criação de um novo sujeito frente a nova racionalidade neoliberal.

O objetivo da presente pesquisa é realizar crítica à racionalidade neoliberal e à exploração que produz dominação dos sujeitos trabalhadores por meio da construção da subjetividade.

As justificativas para a elaboração da presente pesquisa são: a individualização das condutas humanas; a evolução do reconhecimento do trabalhador como empresário de si mesmo; a redução do número de trabalhadores com carteiras assinadas; e o aumento da massa de trabalhadores sem proteções sociais e condições dignas de trabalho, acreditando que são empresário e livres.

A pesquisa foi dividida em 6 capítulos.

O capítulo 2 busca definir o conceito de capitalismo e neoliberalismo, assim como analisar as principais características da racionalidade neoliberal, desde o seu surgimento. O terceiro capítulo encontra-se subdividido em dois tópicos. O primeiro trata sobre o a governamentalidade neoliberal e a exaltação do mercado, como salvador de todas as desigualdades ocasionadas pelo Estado, e a formação de sujeitos aptos a agirem de acordo com os ideais de mercado, lucro e concorrência. O segundo tópico irá tratar sobre o conceito de subjetividade, adotado para essa pesquisa, e a sua relação com o meio em que o sujeito vive e interage, de modo a propiciar as investidas do neoliberalismo.

O capítulo 4 encontra-se dividido em cinco tópicos. O primeiro se refere ao controle exercido pelo capitalismo no adestramento dos corpos e das mentes dos trabalhadores da era industrial e a sua transição para a psicopolítica. O segundo tópico analisará a transição do modo de pensamento e dos objetivos do sistema, a partir da expansão do neoliberalismo, assim como as técnicas de subjetivação utilizadas, pela racionalidade neoliberal. O terceiro tópico se refere a descrição da inauguração da fase do sofrimento psíquico na era neoliberal, permeado pela depressão, ansiedade e síndromes típicas da ideologia empreendedora, e como a psiquiatria evoluiu para abarcar esses sintomas e o neoliberalismo cooptou o sofrimento para transformá-lo em fonte de riquezas. O quarto tópico se refere à análise da utilização do neuromarketing e algoritmos no controle das ações dos sujeitos trabalhadores, e como instrumento de

construção de ideias e subjetividade. O quinto tópico se refere a descrição da utilização da mídia e das telecomunicações pela ideologia neoliberal para construir subjetividades.

O capítulo 5 encontra-se dividido em 2 tópicos. O primeiro descreve o sujeito neoliberal, a partir dos mecanismos utilizados pelo neoliberalismo, analisados no capítulo 4. Já o segundo tópico descreve o papel do consumo na vida do sujeito neoliberal.

No capítulo 6, tem-se como objetivo utilizar a categoria do Uber como exemplo do sujeito neoliberal, descrito anteriormente, a partir da análise do documentário “Uberland”, e pesquisa empírica realizada pela professora Viviane Vidigal de Castro¹ sobre os motoristas da Uber.

Por fim, o capítulo 7 teve como objetivo descrever as possíveis formas de resistência do trabalhador frente ao controle invisível do neoliberalismo, sob a sua autenticidade e direito de escolha.

O estudo se torna relevante, por revelar mecanismos utilizados pelo sistema neoliberal para construir subjetividades da classe trabalhadora hipossuficiente, retirando-lhes a autenticidade e direito de escolha, para agirem segundo os ideais de acumulação do capital.

Tem-se ciência de que muitas atividades permanecem sob as lentes do controle dos corpos idealizado pela biopolítica, de modo que a presente dissertação não pretende esgotar a análise de todos os trabalhadores e suas respectivas atividades. O objetivo do capital, entretanto, permanece o mesmo, na medida em que pretende construir uma legião de sujeitos trabalhadores atuando consoante a ideologia do empreendedorismo, e a transferência ao outro do controle de sua vida.

¹ No começo de sua carreira acadêmica, a autora usava o sobrenome CASTRO e, mais para frente, passou a usar apenas VIDIGAL. Os dois aparecerão nesta dissertação seguindo o sobrenome usado na publicação/postagem das obras.

2 NEOLIBERALISMO

O tema central do presente capítulo será o conceito do neoliberalismo e as suas principais características, abordando o período do surgimento das primeiras discussões sobre o futuro do pensamento liberal até chegar no momento da sedimentação e proliferação do neoliberalismo em escala global, a partir da década de 1970.

2.1 Conceito e características centrais

Cada época e momento histórico produz a sua própria ideologia e discurso, aptos a legitimarem a sua narrativa ante as regras econômicas, sociais, políticas, culturais, permitindo estruturar toda a sociedade que será regimentada.

Os discursos e as narrativas criados para legitimarem esses momentos são contraditórios e instigam confrontos intelectuais, institucionais e, até mesmo, políticos (PIKETTY, 2020), a fim de que sejam escolhidos os discursos dominantes que irão prevalecer em determinado período.

A definição do capitalismo adotada na presente pesquisa se refere a um sistema em que a maior parte da produção é realizada através de meios de produção oriundos da propriedade privada, utilizando-se de trabalho livre, coordenação descentralizada e uma visão ideológica baseada no acúmulo irrestrito de capital, seja através de dinheiro, bens, consumo e até mesmo pessoas (MILANOVIC, 2022).

Assim como nos demais momentos históricos, o neoliberalismo adotou um discurso e uma ideologia para nortear e instaurar os seus ideais perante o mercado e a sociedade, podendo-se dizer que a ideologia adotada é de cunho utilitarista, baseada na “narrativa proprietarista, empreendedorista e meritocrática” (PIKETTY, 2020, p. 11).

Muito se discute sobre quando teria se dado o surgimento do neoliberalismo, ou seja, se teria sido a partir da formação da sociedade Mont Pèlerin em 1947, no Colóquio de Walter Lippman, realizado em 1938, ou até mesmo nos anos de 1880 ou 1900, com as primeiras discussões sobre o novo liberalismo.

A partir da crise do sistema capitalista liberal, eclodida nos anos que antecederam a formação da sociedade Mont Pèlerin, que tinha como um dos motivos a valorização excessiva da liberdade econômica e a intervenção mínima do Estado na economia, diversos autores se reuniram e formaram uma sociedade com o intuito de discutir qual o melhor caminho para superar a crise e retomar as rédeas do poder Estatal (MARIUTTI, 2021).

Os principais fundadores dessa sociedade foram Friedrich Hayek, Frank Knight, Bertrand de Jouvenel, Michael Polanyi, Wilhelm Röpke, Karl Popper, Ludwig Von Mises, George Stigler e Milton Friedman. Parte da doutrina afirma que esta sociedade fez surgir o neoliberalismo. Neste sentido, Friedrich Hayek defende um governo que não anule os esforços individuais por meio da força coercitiva, sendo necessário apenas a previsão de normas formais previamente conhecidas pelas pessoas, de modo que elas possam ser livres para fazer as suas próprias escolhas, sem medo das ações de Estado que possam impedi-las de seguir seus planos (HAYEK, 2010).

Contudo, Michel Foucault ressalta que o nascimento do neoliberalismo se deu no Colóquio de Walter Lippmann, realizado no ano de 1938, em Paris, episódio em que diversos intelectuais liberais, como Friedrich Hayek, Jacques Rueff, Raymond Aron, dentre outros, se reuniram para discutir a crise do liberalismo e o futuro do pensamento liberal (MARIUTTI, 2021).

É importante mencionar a existência de alguns autores, como José Guilherme Merquior, que destacam a origem das discussões acerca das características do “novo liberalismo” a partir das décadas de 1880/1900. É importante, portanto, ter em mente que as ideias de instituição de um novo modelo socioeconômico não se deram “da noite para o dia”, mas foi objeto de uma construção detalhada e longínqua (MERQUIOR, 2014).

Os primeiros liberais acreditavam que a ordem econômica era proveniente de uma lei natural suficiente para regular as disposições do mercado. Entretanto, na visão de Louis Rougier, foi a crença nas ordens naturais e divinas que propiciou as ações coletivas e a derrocada do velho liberalismo do *laissez-faire*.

Nesse sentido, Walter Lippman afirma: “a economia de mercado não é uma ordem natural, mas resultante de uma determinada ordem legal amparada pelo Estado” (MARIUTTI, 2021, p. 3); nesse sentido, era necessário repensar o cenário para revitalizar o liberalismo a partir de novos contornos.

Em relação aos assuntos discutidos no Colóquio de Walter Lippmann, Michel Foucault anota que

[...] foi neste colóquio que um dos intervenientes, já não sei quem², propôs como nome desse neoliberalismo que então se formulava a expressão muito significativa >>. Este neoliberalismo positivo é, pois, um liberalismo interventivo. É um liberalismo acerca do qual Röpke, em *Gesellschaftskrisis*, que publicará pouco tempo após o colóquio Lippmann, diz: >> E em todos os textos dos neoliberais encontrarão esta mesma tese segundo a qual o governo, num regime liberal, é um governo activo, é um governo vigilante, é um governo interventivo, e com fórmulas que nem o liberalismo clássico do século XIX nem o anarco-capitalismo americano contemporâneo poderiam aceitar. Eucken, por exemplo, afirma: <<. Franz Böhm diz: >>. Miksch afirma: >> - aqui a expressão é importante –, >>. (FOUCAULT, 2010, p. 177).

Por sua vez, Wendy Brown destaca que o termo “neoliberalismo”:

[...] foi cunhado no Colóquio Walter Lippman em 1938, uma reunião de académicos que lançou as bases político-intelectuais daquilo que uma década depois se tornaria a Sociedade Mont Pèlerin. O neoliberalismo é mais comumente associado a um conjunto de políticas que privatizam a propriedade e os serviços públicos, reduzem radicalmente o Estado social, amordaçam o trabalho, desregulam o capital e produzem um clima de impostos e tarifas amigável para investidores estrangeiros. (BROWN, 2019, p. 29).

A partir das novas ideias gestadas por autores liberais e a intensa troca de cartas entre eles, houve a realização do Colóquio, a fim de discutir diversos temas relacionados a necessidade de revitalização do sistema liberal clássico.

O termo neoliberalismo passou a ser utilizado de modo mais significativo a partir de 1990, contudo, antes, existiram diversas discussões dos principais pensadores liberais a respeito de qual seria a melhor nomenclatura para se atribuir a nova fase liberal, baseada na necessidade de reforma do liberalismo. Ou seja, é importante perceber que, a princípio, aconteceram diversas discussões acerca de qual seria a via ideal para a superação da crise liberal, assim como qual seria o nome atribuído a essa nova fase.

Neste sentido, o neoliberalismo surge da crise do liberalismo, que tinha como ideia central a premissa de que a economia e o mercado se sustentavam sob uma ordem natural e o Estado devia ter uma atuação mínima nos processos económicos, de modo que havia um incentivo exacerbado à liberdade individual,

² A fala se refere a Louis Auguste Paul Rougier – filósofo francês.

relegando as necessidades sociais da sociedade (MARIUTTI, 2021).

Com isto, tem-se o neoliberalismo como um sistema socioeconômico, político, social, cultural e ideológico que atua diretamente na desmobilização do Estado Social e, conseqüentemente, na redução dos direitos sociais da sociedade como um todo, em especial, o direito e as garantias dos trabalhadores, e prioriza a atenção do lucro. Além disso, o neoliberalismo se trata de uma nova fase do capitalismo após as reestruturações necessárias para o seu aparecimento (DARDOT; LAVAL, 2016)

Com efeito, seus primeiros defensores sustentaram que era necessário reconstituir o liberalismo e a economia do *laissez-faire* através de uma posição centrada na justiça social, igualdade e uma nova concepção positiva da liberdade (MARIUTTI, 2021).

David Harvey, considera o neoliberalismo como uma teoria das práticas político-econômicas que propõem que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais, no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos à propriedade privada, livres mercados e livre comércio (HARVEY, 2013).

Para Friederich Hayek, o socialismo se caracterizaria como uma espécie de governo arbitrário e autoritário, suprimindo os direitos característicos da era liberal, como a própria liberdade individual. Assim, era necessário pensar em outro meio para evitar que o socialismo se instaurasse (HAYEK, 2010).

Desta forma, o neoliberalismo surgiu como uma “terceira” via ante a crise do liberalismo e a ascensão das ideias socialistas, e surgiu como uma proposta de reaproximação entre o mercado e o Estado.

Apesar da controvérsia entre os pensadores neoliberais, sobre quais rumos o “novo liberalismo” ou “neoliberalismo” deveria seguir, havia pelo menos um ponto de convergência, ou seja, não era possível que as bases liberais continuassem nos moldes estabelecidos nos séculos XVII e XVIII, e o reflexo disso era exatamente a crise econômica de 1929 nos Estados Unidos e o implemento do estado keynesiano (Estado De Bem-Estar Social).

Pierre Dardot e Christian Laval apontam que “a crise do liberalismo revelou a insuficiência do princípio dogmático do *laissez-faire* para a condução dos negócios governamentais” (DARDOT; LAVAL, 2016 p. 68).

Nesse sentido, o neoliberalismo foi a resposta encontrada para solucionar a crise do liberalismo e a eclosão de medidas sociais, tendo

[...] uma tentativa de entravar essa orientação às políticas redistributivas, assistenciais, planificadoras, reguladoras e protecionistas que se desenvolveram desde o fim do século XIX”, as quais são compreendidas como uma degradação que conduz diretamente ao coletivismo. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 71).

De acordo com Noam Chomsky, o neoliberalismo permeia um sistema de princípios e baseia-se em ideais liberais clássicos, sendo conhecido, também, como Consenso de Washington que se remete a ideia de uma ordem global do ideal neoliberal (CHOMSKY, 2002). O autor também ressalta que

O neoliberalismo, sim, é de fato o “capitalismo sem luvas”, Ele representa uma época em que as forças empresariais são maiores, mais agressivas e se defrontam com uma oposição menos organizada do que nunca. Nesse ambiente político elas tratam de normatizar o seu poder político em todas as frentes possíveis, razão pela qual fica cada vez mais difícil contestá-las, tornando complicada – no limite da impossibilidade – a simples existência de forças extra mercado, não comerciais e democráticas. (CHOMSKY, 2002, p. 4).

Em síntese, tem-se por neoliberalismo o sistema socioeconômico, político, cultural e ideológico enunciado com o objetivo de superar as crises advindas do liberalismo econômico clássico, a fim de reestruturar a hegemonia do capital, reduzir a proteção social, desregulamentar o trabalho e pôr em evidência a propriedade privada, atuando, portanto, em todas as frentes possíveis de dominação e controle.

Dentre as características centrais do neoliberalismo, Cleber Lúcio de Almeida e Wânia Guimarães Rabêllo de Almeida alertam que

[...] o neoliberalismo constitui uma forma de fazer o capitalismo funcionar, razão pela qual ele mantém várias das características centrais do capitalismo antes referidas, dentre as quais, por exemplo, a busca constante pela acumulação de riqueza e poder em mãos de poucos, a construção de subjetividades e a coisificação do ser humano. (ALMEIDA; ALMEIDA, 2020).

Aníbal Quijano destaca outras características do sistema neoliberal, quais sejam: reconstrução do controle da riqueza e do poder; re-privatização dos espaços públicos; exploração da natureza; controle dos recursos tecnológicos

de comunicação e transporte; pulverização da ideia individualista das pessoas e do egoísmo; mercantilização da subjetividade dentre outros (QUIJANO, 2019).

Referido sistema também se destaca pela configuração da globalização, através das ideias de avanço da tecnologia, quebra das barreiras físicas, livre concorrência e incentivo desenfreado ao consumo.

De acordo com Wendy Brown, existem duas correntes de pensamento que buscam definir as principais características do neoliberalismo (BROWN, 2019): a primeira se refere ao neoliberalismo como um sistema que visa desmantelar o Estado social e suas garantias, e priorizar a privatização da propriedade, elevação dos lucros e a financeirização do capital. A segunda característica está relacionada ao objetivo do sistema: fazer com que os princípios de mercado sejam absorvidos como princípios de governo a serem aplicados pelo Estado a tudo que a ele estiver subordinado.

Wendy Brown ressalta também que o neoliberalismo utiliza de princípios do mercado para transformar a pessoa em sujeito, sempre disposto à competição a aprimoramento contínuo (BROWN, 2019).

Marilena Chauí destaca, por sua vez, que o neoliberalismo não é apenas um modelo econômico, mas sociopolítico, no qual a lógica da concorrência atua também no plano das práticas sociais (MARILENA CHAUÍ, 2018). Desta forma, de acordo com a socióloga, o neoliberalismo se legitima como uma nova forma de totalitarismo.

Para a socióloga política, o significado de totalitarismo poderia ser delineado como a capacidade do neoliberalismo de transformar todas as instituições sociais em uma só instituição homogênea: a organização³.

A organização do neoliberalismo seria a empresa, ou seja, a escola, o centro cultural e religioso, o estado, dentre outros. Todos são empresa. Desta forma, há o bloqueio das instituições e das suas diferenças e impera a homogeneização das instituições.

³ Para Marilena Chauí, o neoliberalismo opera com a organização, com a destruição das instituições e seria este o motivo que é possível assistir a desinstitucionalização de países que possuem a influência neoliberal. Ademais, o neoliberalismo não seria uma mutação histórica do capitalismo com a passagem da hegemonia econômica do capital produtivo ao capital financeiro. O neoliberalismo é uma mutação sociopolítica denominada como a nova forma do totalitarismo. A característica do totalitarismo é que ele transforma todas as instituições sociais em uma única instituição, homogeneizando a sociedade como um todo. (MARILENA CHAUÍ, 2018).

A totalização da narrativa neoliberal faz com que as decisões não sejam políticas, mas técnicas e, desta forma, há a neutralização dos conflitos e das diferenças (MARILENA CHAUÍ). Assim, os direitos são substituídos por serviços, e o governante passa a ser visto como um mero gestor.

Michel Foucault apontou que, para fins de se criar um modo de ser do capitalismo, o neoliberalismo buscou intervir não nas leis do mercado, mas sim nas instituições, criando um modelo de funcionamento em que elas constituem o próprio princípio da regulação econômica geral, e, até mesmo, da regulação social (FOUCAULT, 2010).

Com efeito, para Michel Foucault, ao se buscar institucionalizar um novo capitalismo, referido sistema, o mercado

[...] deve funcionar de tal maneira que os seus mecanismos puros sejam em si mesmos reguladores do conjunto. Por conseguinte, não se toque nas leis do mercado, mas faça-se de modo a que as instituições sejam tais que essas leis de mercado, e só elas, constituam o princípio da regulação econômica geral, e, por consequência, o princípio da regulação social. (FOUCAULT, 2010, p. 216-217).

Nesse sentido, Amanda Martins Rosa Andrade afirma que

A ideia consiste no pressuposto de que se há um campo econômico e institucional passível de intervenção, e não sendo recomendável intrometer-se no campo econômico, o qual deve se reger ao máximo pelas leis de mercado, o Estado deve, então, intervir no campo institucional, influenciando na sociedade, nas instituições e na ordem jurídica, de modo a adaptá-los às necessidades do mercado. (ANDRADE, 2020, p. 17).

Dessa forma, pode-se dizer que o neoliberalismo inaugurou uma linhagem do liberalismo, em que há a preponderância de um novo modelo de Estado organizacional que direciona todas as ações políticas, econômicas, sociais, culturais, dentre outras, com o intuito de obter, com êxito, todo o cronograma proposto pelo sistema, demonstrando ser mais do que um sistema socioeconômico, mas sim uma racionalidade.

Foi nos anos de 1970/1980 (no Chile, Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, entre outros), após diversas investidas, que houve a grande virada e a ascensão da política neoliberal.

As políticas neoliberais de privatização da educação, a destruição dos

serviços públicos, a intensificação da pobreza e a liquidação dos direitos sociais foram fruto de projeto em curso durante a ditadura Augusto Pinochet (1973-1990), no Chile, e que, com efeito, resultou em uma crise de cunho sociopolítico, razão, pela qual, alguns doutrinadores acreditam ter sido o Chile o laboratório do projeto de sedimentação neoliberal.

Em 1970, uma nova crise econômica eclodiu, e a razão, segundo os neoliberais, se devia ao fato do Estado de Bem-Estar Social já dar sinais de problemas financeiros, em razão do seu regime de acumulação de capitais, políticas redistributivas, assistenciais e protetivas, e a crise do petróleo, na década de setenta, aprofundou os seus indícios, abandonando os anos de pacificação social do keynesianismo.

A partir desses acontecimentos, os neoliberais agiram prontamente e passaram a acusar o Estado de não dar conta de cumprir com todas as promessas realizadas, sendo este o responsável pela crise financeira, pelos desperdícios, desigualdades e freio das oportunidades e prosperidade da sociedade e do próprio Estado em si.

As notícias propagadas na época eram todas vinculadas a premissa de que o Estado era muito caro, ele desregulava e prejudicava a economia e desestimulava a produção (DARDOT; LAVAL, 2016).

Margaret Thatcher e Ronald Reagan foram os nomes de destaque que simbolizaram o rompimento com o Estado de Bem-estar Social e estiveram à frente da implantação das bases do sistema neoliberal nos Estados Unidos e na Inglaterra.

As políticas neoliberais de destaque, na época da sua consolidação, se referiam a substituição da liberdade negativa para a liberdade positiva do sujeito, valorização dos princípios de mercado e da concorrência, priorização da economia em desfavor das políticas sociais, desmantelamento dos direitos sociais, sobretudo, trabalhistas, com a instituição da flexibilidade e desregulamentação das relações de trabalho, dentre outras.

Referidas políticas foram aplicadas no Brasil a partir da década de 1990, após os efeitos gerados pelo Consenso de Washington⁴.

⁴ “Esse consenso se estabeleceu na comunidade financeira internacional como um conjunto de recomendações que todos os países deveriam seguir para conseguir empréstimos. Entre as dez recomendações da nova norma mundial, encontramos: disciplina orçamentária e fiscal

As reformas determinadas pelo Consenso de Washington tinham o objetivo de exaltar as políticas de mercado em detrimento ao papel social do Estado.

Em razão da crise econômica que assolava os países de maneira geral, surgiu, no Brasil, com o fracasso do Plano Cruzado e o endividamento estatal, a necessidade de se buscar recursos para sair da crise instaurada. Assim, o Brasil, como outros países da América do Sul, viu como única escolha a aceitação dos termos previstos no Consenso de Washington, a fim de receber empréstimos, dando vazão ao projeto de expansão global do pensamento neoliberal.

Segundo Maria Cecília Máximo Teodoro, o neoliberalismo se propagou pelos países subdesenvolvidos de forma veloz, uma vez que este tem como base os países de economia avançada, e por isso, aceitam as suas propostas e imposições sem questionar, sem, até mesmo, ter o poder de limitar as consequências de suas políticas (TEODORO, 2009).

O pensamento liberal pregava que os déficits orçamentários estatais são intrinsecamente negativos para a economia. Não deveria haver intervenção estatal no mercado de trabalho, uma vez que isso atrapalha o livre jogo do mercado. A proteção social garantida pelo Estado de Bem-estar Social é considerada perniciosa para o desenvolvimento econômico e, por fim, o estado não deve intervir no comércio exterior e nem na regulação dos mercados financeiros (NAVARRO, 1997).

O aumento do desemprego e da desigualdade social foram bastante significativos, tendo em vista que a pobreza assolou a maioria da população, que deixou de ter uma regulação estatal que se preocupasse com as questões sociais e garantia da manutenção de direitos, emprego e possibilidades. Tudo isso em nome de uma frágil promessa de liberdade que nunca foi usufruída pela sociedade em sua plenitude.

Apesar de todas as críticas direcionadas a atuação da máquina estatal na época, o discurso neoliberal não pregava a retirada do Estado e o

(respeito ao equilíbrio orçamentário e diminuição dos descontos obrigatórios e taxas de impostos), liberalização comercial, com supressão das barreiras alfandegárias e fixação de taxas de câmbio competitivas, abertura à movimentação de capitais estrangeiros, privatização da economia, desregulamentação e criação de mercados concorrenciais e proteção aos direitos de propriedade, em particular à propriedade intelectual dos oligopólios internacionais.” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 197-198).

estabelecimento do mercado livre e sem amarras, pelo contrário, eles apoiavam “um reengajamento político do Estado sobre as novas bases, novos métodos e os novos objetivos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 190), ou seja, partiam da premissa de mínima intervenção do Estado na área econômica, por um lado, e a máxima intervenção jurídica, por outro (FOUCAULT, 2010).

Ou seja, o neoliberalismo se funda na retórica da prevalência de um Estado mínimo, contudo, necessita de um Estado forte para impor a sua política diante das instituições e sujeitos.

Desta forma, a virada neoliberal foi caracterizada pelo “conjunto de discursos, práticas, dispositivos de poder visando à instauração de novas condições políticas, a modificação das regras de funcionamento econômico e a alteração das relações sociais de modo a impor esses objetivos.” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 191).

Benito León Corona destaca que a virada neoliberal mostra o resgate da visão que coloca as atividades de mercado como *locus* das relações sociais e políticas, com a economia se tornando a esfera de regulação das sociedades por meio da ação governamental e, no presente caso, pelo governo neoliberal (CORONA, 2017).

Para cumprir esses desígnios, houve escolhas conscientes da estratégia neoliberal de desmantelamento do Estado social, privatização das empresas públicas, desregulamentação e flexibilização das leis trabalhistas, precarização do trabalho, dentre outras medidas.

María José Fariñas Dulce leciona que o discurso neoliberal se apropriou do processo de globalização, difundindo uma onda de privatizações, desregulações e redução dos direitos sociais, tendo, inclusive, quebrado consensos básicos de liberdade e igualdade próprios da Modernidade, uma vez que

[...] a expansão de um novo processo histórico, chamado de Globalização, é caracterizada por uma onda maciça de privatizações de empresas e serviços públicos, pela desregulamentação e supressão de mecanismos legais de controle, especialmente no âmbito financeiro e trabalhista, mas também no âmbito de terras, bens e recursos públicos. [...] O processo de globalização é um processo histórico de construção social e não um processo natural derivado de um determinismo mecanicista. Além disso, acredito que o discurso neoliberal que se apropriou desse processo nem mesmo está verdadeiramente preparado, embora pretenda estar, para responder a

muitos dos desafios reais apresentados pelas atuais mudanças sócio-históricas e tecnológicas da integração global. (DULCE, 2019, p. 31, tradução nossa⁵).

Desta forma, a partir da pulverização dos ideais neoliberais, direitos sociais foram paulatina e mascaradamente reduzidos e substituídos por ideias relacionadas a autonomia, autossuficiência e individualidade, como se não fosse necessário resguardar e proteger a sociedade na sua totalidade, mas, em especial, o trabalhador das investidas do mercado.

Assim, o neoliberalismo teve a seu favor a globalização e a difusão da Internet, como instrumentos difusores generalizados dos seus ideais, baseados na premissa de que o trabalho não ocupava mais o primado do sistema capitalista, e os custos advindos deste impossibilitavam o real desenvolvimento econômico (TEODORO, 2009).

Michel Foucault enfatizou, em seu curso ministrado no Collège de France (1978-79), que o neoliberalismo, enquanto racionalidade política, faz com que os princípios de mercado se tornem princípios de governos aplicados em todas as esferas, incluindo instituições e entidades de toda a sociedade, por exemplo: escolas e universidades, locais de trabalho, hospitais, praças públicas, dentre outros (FOUCAULT, 2010).

Nesse sentido, o neoliberalismo não deve ser visto apenas sob uma condição econômica, mas também como uma racionalidade política, ideológica, cultural e normativa que atua para além dos desígnios do mercado (ALMEIDA; ALMEIDA, 2020), agindo sobre instituições e sujeitos, a fim de alcançar os seus objetivos mercadológicos.

Para suplantar a burocracia política determinante dos últimos tempos, como a prevalência do interesse geral, a negociação social entre classes, garantias trabalhistas, pleno emprego e a distribuição dos lucros, o neoliberalismo procura se estabelecer como uma forma “total”, ou seja, como

⁵ La expansión de un nuevo proceso histórico, denominado Globalización, caracterizado por una oleada masiva de privatizaciones de empresas y servicios públicos, por la desregulación y supresión de mecanismos legales de control especialmente en el ámbito financiero y laboral, pero también en el ámbito de las tierras, bienes y recursos públicos. [...] El proceso de la globalización es un proceso histórico de construcción social, y no un proceso natural derivado de un determinismo mecanicista. Es más, creo incluso que el discurso neoliberal que se ha apropiado de este proceso ni siquiera está verdaderamente preparado, aunque lo pretenda, para responder a muchos de los desafíos reales planteados por los actuales cambios socio históricos y tecnológicos de la integración global.

uma racionalidade a ser aplicada em todos os setores de atividades (DARDOT; LAVAL, 2016).

Portanto, o neoliberalismo consiste em uma racionalidade econômica, social, política, cultural, ideológica, dentre outros, criada como instrumento de reforma dos ideais do liberalismo clássico e retomada de poder, fazendo com que o mercado e as instituições funcionem de acordo com a lógica da acumulação de riquezas e desmantelamento da proteção social.

As suas principais características são os interesses da propriedade privada, liberdade individual, acumulação de riquezas, exploração da natureza e das pessoas, controle dos recursos tecnológicos, e fazer com que os seus princípios sejam absorvidos como princípios de governo a serem aplicados e absorvidos pelo Estado e os seus sujeitos.

A ideologia neoliberal parte da premissa, e põe em prática a ideia, de que todas as pessoas têm as mesmas oportunidades de acesso ao mercado e ao triunfo empreendedor, desde que nasceram. Portanto, o seu sucesso profissional e pessoal depende apenas da sua capacidade e vontade de vencer e aprender no vasto universo mercadológico. Impõe ressaltar que a ideologia neoliberal também doutrina a sociedade, na medida em que busca se assentar inclusive nas escolas e universidades.

Ademais, de acordo com a ideologia neoliberal, o dom do empreendedorismo corre nas veias de todas as pessoas (DARDOT; LAVAL, 2016), logo, as desigualdades socioeconômicas passaram a ser justificadas pelo sistema capitalista, através da ausência de vontade daqueles em não acessarem as iguais oportunidades que possuem para terem êxito, diante das oportunidades oferecidas e disponibilizadas pelo mercado.

Segundo o filósofo marxista Henri Lefebvre, as ideologias são “máscaras que blindam os homens da sua vida real” (LEFEBVRE, 1991, p. 148), isto é, são capazes de fazer com que as pessoas aceitem determinadas condições e realidades, sem que aquela fosse a sua única alternativa.

Para Thomas Piketty, a ideologia deve ser vista enquanto um conjunto de ideias e discursos que descrevem o modo como a sociedade se estrutura em determinado tempo. Desse modo, a ideologia deve ser considerada através de diversas dimensões, como sociais, econômicas, políticas, dentre outras (PIKETTY, 2020).

Ainda segundo o autor, a ideologia deve ser vista como uma tentativa de trazer respostas a questões amplas que envolvem a organização desejável de determinada sociedade, contudo, é importante ponderar possíveis discordâncias de posicionamentos, uma vez que outros pontos de vistas podem confrontá-la, em determinado momento (PIKETTY, 2020).

A ciência econômica foi e é fundamental no processo da governamentalidade neoliberal, já que age diretamente no mercado pelo processo de aprendizado dos sujeitos. Pensadores neoliberais, como George Stigler e Milton Friedman, relataram sobre a importância do trabalho da educação pelos economistas no processo de aceleração da autoconformação do sujeito pelas premissas do mercado (DARDOT; LAVAL, 2016).

Naquele contexto, o que se esperava era a educação do espírito empreendedor e capitalista desde a escola, de modo que as massas passassem a pensar, desde a base, nos moldes pregados pelo mercado.

Assim, pode-se afirmar que “o combate ideológico é parte integrante do bom funcionamento da máquina” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 151). Desta forma, redesenhava-se um novo homem econômico, com as mesmas formações e inclinações mercadológicas pautadas no discurso gerencial do “empreendedor por si mesmo.” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 151)

Diferentemente do modelo imaginado por muitas pessoas, a transição para o neoliberalismo, denominada por Pierre Dardot e Christian Laval como “A grande virada”, foi precedida por uma luta ideológica, através de uma mudança radical de postura, pensamento, comportamento, técnicas e dispositivos de disciplina (DARDOT; LAVAL, 2016). Ou seja, uma simples crise do capitalismo, mediante a crise do petróleo, não seria suficiente para a implantação de uma racionalidade em tantas vertentes como a neoliberal.

Nesse sentido, pode-se dizer que o recrudescimento da ideologia neoliberal se utilizou de uma dinâmica endógena do momento, ou seja, as altas taxas e juros, a baixa das taxas de lucro das empresas fordistas, as desigualdades, a crise do petróleo, o endividamento dos países latino-americanos, o desemprego, entre outros acontecimentos, para lançarem os seus tentáculos, já a postos, apenas esperando a melhor oportunidade.

A ideologia neoliberal se apropriou de artifícios da linguagem, mídias, metaforização e alegorização para fins de idealização de seus princípios e

sedimentação de suas bases perante a sociedade.

Alain Touraine nomeia o atual estágio da sociedade como programada, uma vez que o poder de gestão atua na previsão e modificação de opiniões, atitudes, condutas e modelagem da subjetividade e da própria cultura da sociedade (TOURAINÉ, 1994).

Segundo Thamara Karen Teixeira Silva, as ideologias são utilizadas para satisfazer as esferas políticas e econômicas, buscando-se a formação do consenso necessário para que haja o correto equilíbrio do sistema capitalista (SILVA, 2020).

Autores neoliberais passaram a desenvolver trabalhos, inclusive com linguagens acessíveis à população, após refletirem sobre o poder do papel da educação e da propaganda no processo de difusão da sua luta ideológica de propagação do neoliberalismo e deflagração do Estado social (DARDOT; LAVAL, 2016).

Nesse contexto, Pierre Dardot e Christian Laval relatam que ao menos as elites, detentores do monopólio da palavra pública, faziam com que aqueles que não compartilhavam com os seus pensamentos fossem pormenorizados como arcaicos ou inferiores, pretendendo, com isto, manter o monopólio do pensamento e da ideologia dominante sobre a maioria (DARDOT; LAVAL, 2016).

María José Fariñas Dulce ressalta que o neoliberalismo utiliza de um discurso midiático, a fim de criar e perpetuar um protótipo de sujeito ideal para o sistema, na medida em que

[...] se baseia no tripé de manipulação midiática do povo com a construção de falsidades como verdades alternativas (*fake-news*), controle de pensamento pela religião com a imposição arrogante de uma verdade absoluta (fundamentalismo evangélico), militarização do Estado (repressão) e *lawfare* (manipulação política do Judiciário para reprimir a oposição e/ou ao inimigo), no novo totalitarismo que renova o patriarcado na forma mais primitiva da ideologia do protótipo ideal: varão, proprietário, branco, cristão (leia-se, evangélico), e, também, homofóbico, racista, machista e xenófobo. Neste novo modelo desponta a entrega ao povo da reprodução da ignorância e o autocontrole (vigilância social), com a imediata exclusão, isolamento e repressão do grupo às minorias contra-hegemônicas, em cenário que nos remete ao conceito *nietzschiano* de gozo da crueldade. (DULCE, 2019, p. 111).

Por outro ângulo, a ideologia neoliberal utilizou-se também do discurso de que os acontecimentos no cenário econômico, social e político, eram “culpa” do

Estado, ou seja, o Estado não soube gerir as contas públicas, razão pela qual houve a crise do petróleo, as altas taxas de juros, o desemprego, e demais prejuízos à população, de modo geral.

Assim, houve toda uma construção de uma narrativa e de um discurso com o intuito de organizar o ideal de sociedade pregada pelo neoliberalismo. Contudo, é importante ressaltar que

[...] o mercado, e a concorrência, o lucro e o salário, o capital e a dívida, os trabalhadores qualificados e não qualificados, os nacionais e os estrangeiros, os paraísos fiscais e a competitividade não existem como tais. São construções sociais e históricas que dependem inteiramente do sistema jurídico, tributário, educacional e político que se escolhe instituir e das categorias que se opta por criar. (PIKETTY, 2020, p. 17).

Desse modo, o neoliberalismo, através de suas narrativas, passou a contar uma “nova história”, pautada em novas possibilidades para a sociedade, como as oportunidades oferecidas pelo mercado e pelo empreendedorismo, o consumo como um novo aliado, a abertura dos mercados nacionais, a desnecessidade de intervenção do Estado na economia, uma vez que este demonstrou ser um péssimo gestor das contas públicas, entre outras coisas.

Nora Merlin afirma que, além do neoliberalismo não ser apenas um modelo econômico, baseado no livre mercado e redução dos gastos públicos, ele deve ser anunciado como um modelo de

[...] produção de uma nova subjetividade. Os princípios empresariais invadem a vida, a subjetividade é capital humano mensurável através de cifras e protocolos, na medida em que se promove o ideal do homem empreendedor de si mesmo, enquanto a cultura se organiza como um grande negócio. Os imperativos dessa cultura exigem um consumo e um rendimento ilimitado, conduzindo a uma subjetividade inevitavelmente devedora, em um indivíduo culpável que sempre estará em falta porque os rendimentos nunca darão conta de pagar o necessário. (MERLIN, 2019, p. 69-70, tradução nossa⁶).

Em contrapartida aos ideários neoliberais de transformação das pessoas em empresas, diversos autores se mostraram contrários a essa iniciativa, a

⁶ [...] producción de una subjetividade. Los principios empresariales invaden la vida, la subjetividad es “capital humano” mensurable a través de cifras y protocolos, se promueve el ideal del hombre emprendedor, empresario de si mismo, mientras la cultura se organiza como un negocio. Los imperativos de esta cultura exigen un consumo y un rendimiento ilimitado, conduciendo inevitablemente a una subjetividad deudora con un individuo culpable que siempre estará en falta porque los rendimientos nunca dan con la talla esperada.

exemplo dos psicanalistas Vladimir Safatle, Nelson da Silva Júnior e Christian Dunker, que definem a ideologia neoliberal, não apenas como um modelo socioeconômico, mas também como um gestor do sofrimento psíquico das pessoas, em razão da “natureza disciplinar de seu discurso, no qual categorias morais e psicológicas são constantemente utilizadas como pressupostos silenciosos da ação econômica.” (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021, p. 9).

Ademais, a ideologia neoliberal seria também uma forma de gestão psíquica, do próprio sofrimento psíquico da sociedade, visto que, por meio processos de subjetivismos e da educação, “instauravam” seus ideários no psiquismo das pessoas, fazendo com que elas pensassem e agissem como proprietários de si mesmos.

Nesse contexto, para os autores, a ideologia neoliberal é performativa, pois ela “recodifica identidades, valores e modos de vida por meio dos quais os sujeitos realmente modificam a si próprios, e não apenas o que eles representam de si próprios.” (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021, p. 9).

Desta forma, o recrudescimento do neoliberalismo com a implantação da sua ideologia utilitarista se deu após um longo processo de estudos e discussões, desbravando uma verdadeira luta no âmbito ideológico de rebaixamento do Estado Social, manipulação da sociedade e exaltação do mercado, da liberdade individual e autonomia privada.

A partir do conceito e das características centrais destacadas da racionalidade neoliberal, passa-se a análise da relação existente entre o referido sistema e a construção da subjetividade do sujeito trabalhador, que vive na realidade criada diariamente por sua ideologia e princípios.

3 NEOLIBERALISMO E PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Após apresentar, no capítulo anterior, o conceito e as características do neoliberalismo, o presente capítulo abordará a governamentalidade do sistema neoliberal.

A forma de governar própria desse sistema é baseada na exaltação do mercado como salvador de todas as desigualdades ocasionadas pelo Estado social, na formação de sujeitos, conforme os valores e princípios do mercado, e na autogestão e educação empresarial, como vetores centrais aptos a reinaugurar um novo ciclo do sistema capitalista, cujo único objetivo a ser perseguido é o êxito do mercado, do lucro, da concorrência, e outros.

O segundo tópico irá tratar sobre o conceito de subjetividade, contudo, não se pretende esgotar todas as teorias a respeito do tema, uma vez que a presente pesquisa se encontra alinhada com o campo disciplinar da psicologia social. A partir do conceito da subjetividade, será abordado também como o meio em que o sujeito vive e interage possui influência na construção da sua subjetividade, além de como o foco do presente trabalho se refere ao neoliberalismo, buscar-se-á entender em qual momento esse sistema consegue agenciar subjetividades.

3.1 A governamentalidade neoliberal

Conforme ressaltado no subtópico anterior, a emergência das políticas neoliberais de austeridade e performance, priorização dos aspectos econômicos, em detrimento dos direitos sociais e da supervalorização dos princípios de mercado e concorrência, inaugurou e incentivou os mercados competitivos em níveis globais e, para tanto, fez-se necessário suporte político estabelecendo uma nova forma de governamentalização.

Michel Foucault enuncia em suas aulas, no Collège de France (1978-79), que existe uma forma de governar própria do liberalismo e outra do neoliberalismo. O modelo de governar do Vigiar e Punir demonstra a arte de governar própria do modelo liberal clássico, ou seja, o utilitarismo inglês, sendo

o filósofo central Jeremy Bentham⁷, autor do Panóptico de Bentham (FOUCAULT, 2010).

O liberalismo clássico, enquanto prática de governo, buscava de toda forma a garantia da liberdade econômica frente a um Estado forte e legitimado, assim como uma autolimitação “da intervenção governamental frente a naturalização do mercado e dos direitos naturais dos indivíduos.” (SACCHI, 2016, p. 26, tradução nossa)⁸.

Para Michel Foucault, governamentalidade é

[...] o conjunto composto por instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma tão específica e complexa de poder que tem como meta principal a população, como forma primária de saber a economia, a política e como instrumento técnico essencial, os dispositivos de seguridade. (FOUCAULT, 2010, p. 195, tradução nossa).

De acordo com Santiago Castro-Goméz, Michel Foucault se dá conta que, para entender sobre o governo das populações, era necessário saber mais do que a biopolítica, mas também do exame de todos os assuntos que circundam o conjunto da governamentalidade: a saúde, a higiene, a longevidade, por exemplo (CASTRO-GOMÉZ, 2010).

Importante ponderar que esta autora tem conhecimento de que os ensinamentos de Michel Foucault sobre o neoliberalismo se limitam apenas as primeiras décadas do seu desenvolvimento, uma vez que o autor não teve acesso aos ideais de Margareth Thatcher e Ronald Reagan, e nem a experiência do Chile. Contudo, Michel Foucault deu o pontapé inicial para se pensar a nova governamentalidade empregada pelo neoliberalismo, e as suas contribuições são essenciais para o entendimento do sistema, sobretudo para a transição do liberalismo para o neoliberalismo e as formas de governo.

Na nova governamentalidade neoliberal, todo o governo passa a ser para os mercados e orientado de acordo com os seus princípios. Diferentemente do liberalismo.

Para a racionalidade neoliberal, o mercado não se trata de uma instância

⁷ Jeremy Bentham desenvolveu a ideia do Panóptico para criar um sistema de vigilância permanente (TEODORO, 2021).

⁸ [...] intervención gubernamental frente a la naturalidade del mercado los derechos naturales de los individuos.

natural, desta forma, é necessário serem elaborados princípios para que os mercados funcionem, se regulem e se mantenham competitivos.

Assim, “o neoliberalismo começará a reformular uma completa revisão dos postulados do liberalismo e uma reformulação da sua arte de governar”⁹ (SACCHI, 2016, p. 27, tradução nossa), que, até então, era pautada na ideia de um Estado central, no sentido de controle dos assuntos sociais.

No Estado neoliberal, a intervenção estatal na economia é mínima. Contudo, há certa intervenção do Estado no que se considera ser o marco social econômico, como os dados científicos, técnicos, jurídicos, demográficos e demais. Desta forma, não há atuação estatal como contraponto do mercado, evitando-se exclusões sociais, desigualdades, efeitos destrutivos etc. (SACCHI, 2016).

Todavia, é importante frisar que o neoliberalismo sempre demandou a presença de um Estado forte que possibilitasse a criação e difusão dos seus ideais perante o mercado e as instituições.

Nesta perspectiva, a ação governamental atua na exata medida em que permite, incentiva e cria o ambiente próprio de austeridade, altamente competitivo e concorrencial, não apenas em relação às empresas, mas, sobretudo, em relação aos sujeitos que também passaram a ter que agir de acordo com os princípios de mercado.

De acordo com Pierre Dardot e Christian Laval, a governamentalidade neoliberal pode ser entendida como a criação de determinadas situações de mercado que permitem que as pessoas passem por um processo de aprendizado constante e progressivo, ou seja, o sujeito está a todo momento instigado ao aprendizado e ao governo de si mesmo (DARDOT; LAVAL, 2016).

Referidos autores afirmam ainda que

A agenda do neoliberalismo é guiada pela necessidade de uma adaptação permanente dos homens e das instituições a uma ordem intrinsecamente variável, baseada numa concorrência generalizada e sem trégua. [...]

Mais ainda, a política neoliberal deve mudar o próprio homem. Numa economia em constante movimento, a adaptação é uma tarefa sempre atual para que se possa recriar uma harmonia entre a maneira como ele vive e pensa e as condicionantes econômicas às quais deve se submeter. [...]

⁹ [...] el neoliberalismo empezará a formular una completa revisión de los postulados del liberalismo y una reformulación de su arte de gobernar.

Para evitar as crises de adaptação, convém pôr em prática um conjunto de reformas sociais, que são uma verdadeira política da condição humana nas sociedades ocidentais [...]. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 90-91).

Ademais, o neoliberalismo teria saído vitorioso, porque ele está presente no cotidiano das pessoas, no modo de ser, nos afetos e sentimentos, na vida privada, como se todos os sujeitos fossem gerentes de uma empresa, a empresa de si.

Nesse sentido, pode-se argumentar que o neoliberalismo elegeu o empreendedorismo, ou seja, o modelo de autogestão como o modo do governo de si e o denominou de “*entrepreneurship*” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 145).

Todo esse ideal da governamentalidade neoliberal passa a ser diária e paulatinamente empregado na vida das pessoas, de forma que todos possam ir incorporando essas vivências às suas realidades.

Nesse sentido, Amanda Martins Andrade Rosa afirma que a sagacidade do neoliberalismo é alcançar essa mudança na sociedade, introduzindo-se essa realidade no imaginário das pessoas e do próprio corpo social. Para ela, o imaginário consiste na forma como o grupo ou indivíduo enxerga a si mesmo, a partir dos papéis sociais, códigos de comportamento, identificação de motivações e, até mesmo, crenças comuns, todas moldadas pelo ideário neoliberal (ANDRADE, 2020).

Assim, o mercado passa a ser visto como um processo de aprendizagem contínua (DARDOT; LAVAL, 2016), no qual as pessoas têm acesso a diversas informações e métodos e precisam estar sempre atualizadas para tomarem as melhores decisões, para atualizarem os seus negócios, e não sucumbirem diante do mundo concorrencial.

3.2 Análise da construção da subjetividade do sujeito

O presente trabalho não tem a pretensão de esgotar todas as teorias que definem a expressão *subjetividade*. No entanto, versando a dissertação sobre os aspectos subjetivos e objetivos da construção da subjetividade do trabalhador por meios externos, cumpre estabelecer o sentido em que ela será atribuída.

Para fins de análise da subjetividade, uma das linhas pesquisas é a

psicossociologia que busca entender as relações existentes entre o psíquico do sujeito com o coletivo que o circunda (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011).

Silvia Tatiana Maurer Lane aponta que a Psicologia Social possui como intuito conhecer o indivíduo considerando as suas relações sociais, tanto naquilo que lhe é específico como naquilo que ele é manifestação geral (LANE, 2006). Nessa medida, a pessoa pode ser vista tanto como um sujeito histórico, mas também transformador da sua vida social e da própria sociedade.

Esse campo de estudo possui um olhar clínico e plural visto que compreende como o ser humano deve ser estudado por meio de diversas dimensões, tais como: sociais, políticas, econômicas, psicológicas, históricas, organizacionais etc. Destaca-se que a relação do sujeito com o trabalho também se considera essencial na relação a ser estudada.

Carlos Eduardo Carrusca Vieira, Vanessa Andrade Barros e Francisco de Paula Antunes Lima apontam que “[...] não existe uma subjetividade solta em uma instância qualquer. Ela só se dá como processo, no contexto material, social, histórico, objetivo.” (VIEIRA; BARROS; LIMA, 2007, p. 156).

Nessa esteira, segundo Ana Flávia Paulinelli Rodrigues Nunes, a subjetividade é “a síntese construída pelo ser humano a partir da totalidade das experiências por ele vividas, a qual é revelada por seu modo de ser, pensar, sentir e agir, de acordo com a singularidade de cada um.” (NUNES, 2018, p. 21).

Na medida em que o sujeito vive em sociedade, na perspectiva da Psicologia Social, ele se constitui na interlocução entre os meios que o circundam, havendo uma transformação de si e do outro através da interação.

Ou seja, a construção da subjetividade é um processo dialógico e dialético, em que o mundo exterior age sobre o ser humano, mas esse também deixa sua marca por meio de suas ações e expressões.

Segundo Mauricio Alexander Arago Tobón, Mauricio Hernando Bedoya-Hernández e Luz Adriana Munoz-Duque, a subjetividade deve ser compreendida pela maneira em que os indivíduos se convertem em certos tipos de sujeitos, a partir do modo em que se constroem por meio de discursos específicos, históricos e localizados (TOBÓN; BEDOYA-HERNÁNDEZ; MUNOZ-DUQUE, 2021). Ou seja, ao serem assimilados, os discursos empregados aos sujeitos produzem formas de ser e de se reconhecer.

Assim, pode-se dizer que a subjetividade do sujeito não deve ser

considerada como um produto acabado e imutável, sendo aquela em que ele nasce e o acompanha sem alterações ao longo de sua vida, mas como um processo dinâmico, em constante modificação, de acordo com as interações do indivíduo com o meio.

Para Sigmund Freud (FREUD, 1948 *apud* HALL, 2020) a subjetividade é o produto de processos psíquicos inconscientes, enquanto para Félix Guattari e Suely Rolnik a subjetividade não é passível de centralização do indivíduo, de forma que é “fabricada e modelada no registro social.” (GUATTARI; ROLNIK, 2000, p. 31).

Nesse sentido, a subjetividade envolve os pensamentos e as emoções dos sujeitos, tanto sob o aspecto consciente, quanto sob o inconsciente.

O sujeito não se constrói sozinho. Pelo contrário, há influências culturais que atuam diretamente na formação da subjetividade fragmentada da pessoa, de forma que: eu sei quem “eu sou”, a partir da minha interação com o “outro” (HALL, 2020).

Desta forma, é possível verificar a importância que o outro possui no processo de formação da subjetividade do sujeito, uma vez que, sem o outro, o sujeito e o externo, o sujeito não se reconhece como tal.

Na perspectiva de Valeska Zanello, o sujeito é um ser “em aberto”, de maneira que ele precisa ser introduzido na cultura por meio da linguagem, mediante outro sujeito, que seria representante da cultura e o direcionaria a ser humano (ZANELLO, 2022).

Ainda segundo Kathryn Woodward, a subjetividade auxilia no processo de identificação da identidade cultural do sujeito, podendo-se assim dizer, que sofre influências diretas e indiretas do meio em que se relaciona. Nesse sentido, a subjetividade se coaduna com a identidade, apesar deste entendimento não ser unânime entre os autores (WOODWARD, 2009).

Nesse contexto, no decorrer do tempo e da história, existem várias subjetividades, a depender do momento histórico em que se vive, e, para isso, basta verificar que em determinado momento foi possível evidenciar o ser humano mais pacato e incapaz de tomar as rédeas da própria vida, vivendo apenas para cumprir ordens, como na sociedade industrial, privado de sua liberdade.

Em contrapartida, na atualidade, é possível vislumbrar um sujeito mais

ativo, fluido, líquido, que transita “livremente” em diversas realidades situacionais.

Neste contexto, Zygmundt Bauman afirma que o sujeito possui a capacidade de se transformar em diferentes modos de ser e com inúmeras identidades, em determinados espaços de tempos (BAUMAN, 2008).

A atualidade é marcada por um período de fluidez, flexibilidade, inconstância, volatilidade e variabilidade, desta forma, a construção da subjetividade do sujeito é diretamente afetada, não se mantendo a mesma por longos espaços de tempos, e sendo chamado por Bauman de “sujeito líquido” (BAUMAN, 2008).

Mauricio Alexander Arago Tobón, Mauricio Hernando Bedoya-Hernández e Luz Adriana Munoz-Duque destacam que, a partir da modernidade, a relação entre o discurso, o trabalho e os modos de ser, viver e de relacionar dos sujeitos, ganhou extrema relevância, de forma que o trabalho fundamenta as maneiras pelas quais as pessoas se subjetivaram, constituindo formas de vida (TOBÓN; BEDOYA-HERNÁNDEZ; MUNOZ-DUQUE, 2021).

Contudo, segundo Ana Flávia Paulinelli Rodrigues Nunes,

[...] a interiorização do mundo externo não é um processo mecânico. A consciência permite que o ser humano vivencie as experiências sociais de forma ativa e criativa, permitindo uma reflexão complexa da realidade, produzindo símbolos do mundo e das experiências humanas, transformando-as em construções singulares. (NUNES, 2018, p. 22).

Logo, a partir dos estímulos externos recebidos pelo sujeito, este sintetiza e atribui significados pessoais a realidade proporcionada pelo meio e pelo outro.

Sendo assim, a partir dos estímulos partilhados pela ideologia e racionalidade neoliberais, novos sujeitos vão sendo formados e construídos, de acordo com os princípios e valores de mercado e da empresa. A empresa de si mesmo.

A partir da concepção de que o neoliberalismo promove modos de subjetivação, indaga-se quais seriam os sistemas discursivos em que essa racionalidade se baseia para a construção da subjetividade dos trabalhadores.

Em síntese, o neoliberalismo constrói subjetividades, ou seja, faz com que os trabalhadores introjetem os ideais neoliberais de valores de mercado,

concorrência e a valorização de si mesmo, de modo que eles se vejam como verdadeiros capitais a serem (re)investidos, em busca incessante do lucro e da promoção pessoal, mesmo a custo do dismantelamento das garantias sociais, políticas, culturais e ambientais. Afinal, o importante é que todos impetrem os seus esforços para a melhoria individual.

4 MECANISMOS DE PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO (A) TRABALHADOR(A)

Este capítulo irá abordar alguns dos mecanismos utilizados pelo neoliberalismo na produção de subjetividade do(a) trabalhador(a). O presente trabalho não pretende esgotar todos os mecanismos utilizados pelo neoliberalismo, analisando apenas os mecanismos abaixo relacionados.

Inicialmente, será abordado o controle exercido pelo capitalismo no adestramento dos corpos e das mentes dos trabalhadores da era industrial, assim como os mecanismos utilizados e os objetivos que o sistema pretendia obter a partir da utilização de técnicas de eficiência e maximização da produção, do consumo e do controle sobre o sujeito.

Em seguida, analisar-se-á a transição do modo de pensamento e dos objetivos do sistema a partir da expansão do neoliberalismo, assim como as técnicas de subjetivação utilizadas com o propósito de atingir os fins da racionalidade neoliberal, ou seja, a transformação do sujeito em empresa de si mesmo.

4.1 Da biopolítica à psicopolítica

A partir da consolidação do capitalismo e o desenho de seus objetivos e prioridades, esculpiu-se o ideal do sujeito moderno para que ele atendesse às necessidades do liberalismo.

As premissas pregadas pelo liberalismo faziam com que o sujeito moderno se sentisse em plena liberdade, independente e autônomo para fazer as suas escolhas. Contudo, perante os olhos do sistema capitalista, ele era apenas uma engrenagem do sistema e das máquinas das grandes indústrias, que funcionavam ininterruptamente a fim de auferir lucros a qualquer custo.

Segundo Pierre Dardot e Christian Laval, a economia política teve como parceira uma psicologia científica que descrevia uma economia correspondente e homogênea a ela, traçando os caminhos de como edificar o sujeito ideal para determinado momento do capital (DARDOT; LAVAL, 2016).

Referidos autores apontam que, desde a emergência do sistema capitalista, uma normatividade subjetiva particular se impôs, uma vez que os

sujeitos não aceitariam se converter de forma voluntária à sociedade industrial, e aceitar todas as suas mazelas, apenas em razão das promessas dos discursos de liberdade e enriquecimento (DARDOT; LAVAL, 2016).

Desta forma, por detrás do discurso e das promessas liberais, havia processos de normatização e de técnicas disciplinares que ficaram conhecidas, posteriormente, como dispositivo de eficácia (DARDOT; LAVAL, 2016).

O intuito dessa técnica era adestrar os corpos e as mentes dos sujeitos para agirem em consonância com o ideal capitalista de produção e consumo, e para tanto, foi preciso pensar e implantar estratégias veladas na educação da mente e do corpo do trabalhador, da própria organização do trabalho, família, lazer, ou seja, na dimensão total do ser humano, com o único objetivo de se obter o sujeito calculador e produtivo na era industrial.

Os artifícios do dispositivo da eficácia pretendem fazer com que o sujeito busque o bem-estar, a felicidade e o prazer em todas as instâncias de sua vida, desde o trabalho aos momentos de família e lazer. Em outras palavras, quer-se dizer que o próprio sujeito se vê pelas lentes da eficácia e da necessidade constante de provar para si, e a todos, as suas capacidades e habilidades em todas as esferas de sua vida.

O sujeito produtivo foi a grande escolha da sociedade industrial, podendo ser descrito como aquele que busca, em todos os domínios da sua vida, produzir o bem-estar, felicidade e o prazer.

Pierre Dardot e Christian Laval afirmam que a era industrial era alinhada pela psicofisiologia das sensações que governa o sujeito através dos prazeres e das dores. O objetivo era produzir homens úteis, dóceis ao trabalho e, ao mesmo tempo, dispostos ao consumo, com o objetivo de minimizar gastos e energias inúteis (DARDOT; LAVAL, 2016).

A liberdade individual ainda era privilegiada naquele momento, entretanto, havia uma necessidade intrínseca de controle e vigilância do corpo para que ele não se desvirtuasse do real interesse, baseado na produção e consumo do capital.

Para tanto, Jeremy Bentham desenvolveu um modelo de Panóptico, cujo objetivo foi criar um sistema de vigilância constante. Esse era o modelo ideal para a sociedade industrial, na medida em que auxilia no processo de acompanhamento, orientação, decisão e educação, vigiando a todos de uma

forma permanente (BENTHAM, 2008).

A sociedade disciplinar, como é chamada a sociedade industrial, era constituída por ambientes de confinamento, sendo citados: a família, escola, prisão, hospitais etc. Desta forma, o sujeito disciplinar se movimenta em um regime fechado, distribuídos e ordenados no mesmo espaço e tempo (HAN, 2020).

Deste modo, o período do capitalismo industrial tinha como premissa o utilitarismo clássico com a maximização da eficácia do sujeito, produção e consumo.

Para Pierre Dardot e Christian Laval, o utilitarismo clássico tinha como vocação a homogeneização do sujeito, ou seja, o objetivo era que todos pensassem e agissem de maneira idêntica, a fim de executarem os comandos da produção em sentido amplo, e não causassem problemas ou pensassem de modo diverso a colocar em xeque os ditames do sistema (DARDOT; LAVAL, 2016).

Byung Chul Han, ao lembrar os ensinamentos de Michel Foucault, afirma que, ao contrário do poder soberano, o poder disciplinar não se trata mais de um poder de morte, mas de um poder que disciplina o corpo na busca da automação de hábitos e a transformação em uma máquina de produção. Pretende-se com esse poder que o sujeito se submeta a regras, normas, obrigações e proibições para não desviar dos seus objetivos que, de última ordem, se confundem com os objetivos da grande indústria (HAN, 2020).

Desta forma, a biopolítica “é a técnica de governança da sociedade disciplinar” (HAN, 2020, p. 34), que não tem como foco a *psiqué* do sujeito, mas, sim, o adestramento do seu corpo.

Contudo, o princípio da utilidade, que cultuava a homogeneização dos sujeitos, “não conseguiu abranger todos os discursos e as instituições, do mesmo modo que o equivalente geral da moeda não conseguiu subordinar todas as atividades sociais.” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 327).

Ao contrário da sociedade disciplinar, o regime neoliberal descobriu o psiquismo dos sujeitos como uma nova força produtiva, tendo sido esse fato relacionado a forma imaterial e incorpórea de produção do capitalismo atual (HAN, 2020). Era o início da homogeneização da figura do ser humano em torno da empresa.

A articulação política e psicopolítica do neoliberalismo são ferramentas para a condução da obediência inconsciente dos sujeitos (MERLIN, 2019). Ademais, o próprio sistema busca um modelo de homogeneização e uniformidade do sujeito, com o intuito de que este vibre na frequência do mercado, e todas as decisões da sua vida sejam tomadas com base no ideário mercantil neoliberal.

Os questionamentos do regime neoliberal se referiam em: como produzir um sujeito que trabalha para uma empresa, como se trabalhasse para si mesmo? Como produzir um sujeito que não tenha sentimento e predisposição a alienação? Como fazê-lo se identificar, plenamente, com a empresa, de modo que ele pense estar trabalhando para o seu próprio crescimento profissional, suas metas e sonhos, e não para o bem-estar da instituição, empresa, em si?

Para o filósofo coreano, o regime neoliberal de dominação se apropria das tecnologias do eu, tendo em vista que age diretamente na *psique* dos sujeitos e faz com que estes ajam sobre si mesmos, sem a necessidade de um controle absoluto, como aquele noticiado no Panóptico de Bentham (HAN, 2020).

Em oposição a sociedade disciplinar, a técnica de poder neoliberal não trabalha com eletrochoques ou medidas coercitivas da biopolítica, mas, sim, com a ideia de positividade. Essa técnica registra os anseios, necessidades e desejos do sujeito para estudá-los e traduzi-los em novos estímulos que agradem a todos, ao invés de reprimi-los. Desta forma,

Hoje a imposição é invisível, consiste em uma manipulação psicopolítica e obediência inconsciente. As estratégias consistem na configuração do sentido comum desde um totalitarismo comunicacional e semiótico que informa a opinião pública e constrói uma cultura de massas através da manipulação dos meios de comunicação.¹⁰ (MERLIN, 2019, p. 70, tradução nossa).

Assim, a partir das técnicas de poder que se apoderam do sujeito apenas de forma indireta, ou seja, não são perceptíveis a “olho nu” a qualquer sujeito, o sistema faz com que o indivíduo se explore de forma voluntária, reproduzindo o contexto de dominação dentro de si e interpretando-o como liberdade (HAN,

¹⁰ Hoy la imposición es invisible, consiste en una manipulación psicopolítica y la obediencia es inconsciente. Las estrategias consisten en la configuración del sentido común desde un totalitarismo comunicacional y semiótico que digita la opinión pública y construye cultura de masas a través de los medios de comunicación monopólicos.

2020).

Pierre Dardot e Christian Laval afirmam que

[...] o momento neoliberal caracteriza-se por uma homogeneização do discurso do homem em torno da figura da empresa. Essa nova figura do sujeito opera uma unificação se precedentes das formas plurais da subjetividade que a democracia liberal permitiu que se conservassem e das quais sabia aproveitar-se para perpetuar sua existência. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 326).

As técnicas utilizadas pelo neoliberalismo buscam fazer com que o sujeito maximize a sua existência, baseado na entrega completa a sua atividade profissional e se sinta satisfeito e pessoalmente realizado com os fins empresariais.

Esse modelo busca também eliminar erros e debilidades dos sujeitos que possam influenciar no seu processo de desempenho e eficiência, de modo que pessoas com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) possuem duas opções: ou se medicam para se igualar aos demais sujeitos de competição, ou são excluídos do mercado.

A psicopolítica neoliberal

[...] inventa formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal e treinamentos de inteligência emocional prometem a otimização pessoal e o aumento da eficiência sem limites. As pessoas são controladas pela técnica de dominação neoliberal que visa explorar não apenas a jornada de trabalho, mas a pessoa por completo, a atenção total e até a própria vida. O ser humano é descoberto e tornado objeto de exploração. (HAN, 2020, p. 45).

A flexibilização e desregulamentação dos direitos trabalhistas, a crise econômica, geraram um estado de medo entre os sujeitos que facilitou, ainda mais, a implantação das técnicas neoliberais empresariais de modulação de um sujeito-empresa, ou seja, de um sujeito que governa a si próprio e maximiza todas as suas necessidades e desejos em prol da empresa.

Esse medo também contribuiu para a naturalização do discurso neoliberal, assim como para a corrosão dos direitos protetivos à classe trabalhadora, de forma que os sujeitos viam, nas técnicas empresariais, a única saída para combater os seus anseios.

O modelo empresarial busca tendências para implantar técnicas que buscam produzir formas eficazes de sujeição. A competição é um dos instrumentos mais importantes do modelo de gestão empresarial e sujeição do sujeito as suas diretrizes.

Margaret Thatcher deu uma entrevista para o jornal *Sunday Times*, no dia 7 de maio de 1988, e traduziu o modelo neoliberal na seguinte frase: “A economia é o método. O objetivo é mudar a alma.” (THATCHER *apud* DARDOT; LAVAL, 2016, p. 331).

Os métodos neoliberais contribuíram para a individualização do sujeito, posto que ele deve se preocupar apenas com o seu próprio bem e da empresa. Deste modo, o sistema busca racionalizar todos os sentimentos e emoções do sujeito, fazendo com que ele foque apenas no desejo de se superar.

Toda a responsabilidade pelo sucesso, e por eventual fracasso, se deve única e exclusivamente ao sujeito que deve investir em si mesmo, se valorizar para ter um valor perante o mercado e não se sucumbir diante de um mar de oportunidades, e sujeitos que estão a todo momento competindo para buscar o topo da cadeia empresarial.

Sobre a administração do eu contemporâneo, Nikolas Rose a difere em ao menos três aspectos:

Em primeiro lugar, as capacidades pessoais e subjetivas dos cidadãos têm sido incorporadas aos objetivos e aspirações dos poderes públicos. Isso não constitui apenas um nexos ao nível de uma abstração política. Constitui também um nexos ao nível de estratégias sociais e políticas e de instituições e técnicas de administração e regulação. [...] Em segundo lugar, a administração da subjetividade tem-se tornado uma tarefa central da organização moderna. As organizações vieram preencher o espaço entre as vidas ‘privadas’ dos cidadãos e as preocupações ‘públicas’ dos governantes. Em terceiro lugar, temos presenciado o nascimento de uma nova forma de expertise, uma expertise da subjetividade. Tem surgido e multiplicado uma família inteira de novos profissionais, cada um afirmando o seu virtuosismo no que diz respeito ao eu, ao classificar e medir a psique, ao predizer suas vicissitudes, ao diagnosticar as causas de seus problemas e ao prescrever remédios [...]. (ROSE, 1999, p. 32).

Em razão de todas essas medidas, é possível verificar que a subjetividade do sujeito não pertence mais a ele, mas, sim, ao sistema neoliberal que, por meio das técnicas de gestão, constroem um sujeito empresarial de alta performance e aparentemente blindado de fontes externas que vulnerabilizem o seu auto

processo de empreendedor de si mesmo.

Resta saber quais são as técnicas de gestão utilizadas pelo neoliberalismo para construir esse sujeito neoliberal.

4.2 Do dispositivo neoliberal do gozo e do desempenho: poder e gerencialismo

O poder disciplinar pregava pela docilização dos corpos úteis, com o fim de controlar os sujeitos a executarem as tarefas vindicadas pelas grandes corporações, através de um controle ostensivo do Estado.

No capitalismo industrial, o sujeito realizava o seu trabalho e consumia o necessário. Havia um equilíbrio entre as instâncias da vida privada e do trabalho, o sujeito, aqui, era conhecido como sujeito eficaz e foi substituído pela lógica neoliberal do dispositivo de gozo e desempenho.

O poder gerencialista, também conhecido como ideologia neoliberal, por sua vez, busca realizar o controle e monitoramento invisível da *psique* dos sujeitos, através de estímulos e indicadores de desempenho. “Ele põe em ação um conjunto de técnicas que captam os desejos e as angústias para pô-los a serviço da empresa. Ele transforma a energia libidinal em força de trabalho.” (GAULEJAC, 2007, p. 41-42).

Como mecanismos de gestão, o neoliberalismo se apropria do desejo, sentimentos, valores, crenças, individualidade e o tempo para infundir suas ideias de modo que nenhum sujeito perceba que está sendo manipulado por algo “estranho” a sua verdade.

Além da captação dos desejos e angústias dos sujeitos, Vincent de Gaulejac elege três outras estratégias de gestão da racionalidade neoliberal para lidar com o mal-estar, ou seja, a realidade da sociedade do trabalho (GAULEJAC, 2007).

A primeira estratégia está relacionada com o discurso que busca atingir menos o “superego” do sujeito, e mantém o diálogo do sucesso fácil, imediato e baseado no prazer.

A segunda se refere ao eu ideal, ou seja, é necessário que o sujeito se esforce para atingir a sua plenitude, pois, caso contrário, estará fadado ao fracasso e a angústia, e a estratégia adotada é a promessa, o que significa que

se o sujeito faz tudo conforme as regras neoliberais, o sistema promete compartilhar o sucesso com o sujeito.

E, por fim, a terceira estratégia é estabelecer um paradoxo entre autonomia e dependência, de modo que o sujeito se individualize de tal forma que ele passe a confundir os seus valores com os valores da empresa, e deixe de refletir a sua imagem como de alguém diferente daquela instituição (GAULEJAC, 2007).

Sendo assim, diversas são as estratégias utilizadas pela racionalidade neoliberal com o intuito de disseminar a lógica empresarial na sociedade, visando, dentre outras medidas, eclodir os ideais de gozo e desempenho como métricas a serem utilizadas diariamente pelos sujeitos-empresa.

Diferentemente do capitalismo industrial, o neoliberalismo busca por meio da implantação da ideologia gerencialista realizar a gestão contábil dos sentimentos, da saúde, da educação, dos desejos e transformá-los em dados a serem mapeados pela inteligência artificial e executados na forma de melhoria contínua do desempenho do grande exército neoliberal, os trabalhadores.

Nessa lógica gerencialista, o trabalhador se vê diante de uma dicotomia. De um lado, ele absorve os ideais do lucro e os valores do sistema neoliberal, contudo, por outro lado, ele é sempre advertido da sua real condição de necessidade econômica e, conseqüentemente, vulnerabilidade diante de um mercado de trabalho feroz.

Para se manter no mercado de trabalho, criado pelo sistema neoliberal, o trabalhador precisa amar o seu trabalho e dominar a arte de guiar as contradições, capital/trabalho, adaptando-se a todas as situações postas no mercado, investir em si mesmo para que ele seja interessante perante aquele na perspectiva da utilidade.

A internacionalização e financeirização da economia modificou toda a lógica do capitalismo industrial e culminou em uma onda de flexibilizações e desmobilizações institucionais, de modo que a imediatividade passou a ditar as normas do mercado de trabalho, e o desempenho e a rentabilidade do trabalho passaram a ser medidos em um curto espaço de tempo.

O desejo é um dos principais alvos da racionalidade neoliberal, pois através dele é possível que se recrie e reinvente novas técnicas de produção do novo sujeito neoliberal. Considerando a atuação na psique dos trabalhadores,

eles passam a agir como se estivessem respondendo a uma voz interior da empresa (FOUCAULT, 2010).

A empresa passa por um processo de reestruturação interna e adota como novo setor o “recursos humanos”¹¹ para lidar com o capital humano e agir conforme as necessidades e os desejos dos trabalhadores a favor do capital, sendo um grande exemplo desse movimento a criação de dinâmicas econômicas, combinadas com a gestão psicológica dos trabalhadores, tudo com um único objetivo: introjetar o empreendedorismo e a governança de si mesmo na psique dos trabalhadores.

Rememora-se que o objetivo do sistema é fazer com que o sujeito e a empresa sejam apenas um, ou seja, os objetivos e desejos da empresa devem ser confundidos com os do sujeito. Em outras palavras, o neoliberalismo

[...] exige a produção de um sujeito, com valores morais e formas de sociabilidade adequados a ela. Há um sujeito que foi produzido especificamente pela formação discursiva neoliberal, com suas formas de verdade, seus valores morais e instituições sociais. (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021, p. 259).

Os recursos humanos buscam, pela gestão empresarial, não apenas construir subjetividades, mas também gerir as habilidades individuais já existentes dos trabalhadores, a fim de explorá-las no ambiente laboral. A título de exemplo, cita-se o trabalho desenvolvido por atendentes de telemarketing, em que determinadas pessoas são contratadas e assumem posições em determinadas equipes, em razão de terem uma melhor habilidade de persuasão, ou até mesmo paciência para gerenciamento de crises, em setores de cancelamentos de contratos (SALAZAR, 2012).

O neoliberalismo é movido pelo critério da utilidade, ou seja, ele se baseia exclusivamente em critérios de eficiência e rentabilidade, que foram previamente fixados pela economia política. Sendo assim, ele considera irracional tudo aquilo que não vai de encontro com a sua lógica. “Aquilo que Herbert Marcuse (1972) chamava de universo do discurso fechado, ‘que se fecha para qualquer outro

¹¹ Utiliza-se a palavra “recursos humanos” de um modo amplo, e não apenas como um simples setor empresarial em uma empresa. Em outras palavras, quer-se dizer que os recursos humanos são utilizados pelas empresas de um modo amplo, até mesmo para produção de subjetividades de sujeitos que não estejam vinculados formalmente àquela instituição, ou seja, como empregados, uma vez que o intuito é formar um exército de sujeitos trabalhadores que reproduzam o legado neoliberal.

discurso que não empregue seus termos’.” (GAULEJAC, 2007, p. 78).

O sistema capitalista se apropria do imaginário social e o transforma em dimensões econômicas e contáveis, com o intuito das escolhas, desejos, objetivos, sentimentos, serem atribuídos à esfera da rentabilidade e o sujeito ser reduzido a um produto (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021).

A gestão, portanto, se tornou um instrumento e uma ciência do neoliberalismo, no qual o sujeito se torna um fator a ser reinventado, segundo a lógica de financeirização, através dos instrumentos da matemática e da linguagem sobre qualquer outra linguagem (GAULEJAC, 2007).

Ou seja, o sujeito passa a ser um fator a ser trabalhado e desenvolvido pelos recursos humanos das organizações, a partir de ideologias pré-concebidas pelo sistema neoliberal para agirem consoante os ideais de liberdade, autonomia, e governança de si mesmo. É como se o sujeito trabalhador apresentasse uma falha e precisasse ser corrigido pelo sistema (DEJOURS, 2015).

Vincent de Gaulejac afirma que o neoliberalismo busca afastar do sujeito a noção abstrata do tempo, fazendo com que ele se desvencilhe das suas necessidades fisiológicas ou psicológicas, permanecendo submetido apenas ao tempo direcionado ao trabalho e as necessidades produtivas, ou seja, cabe ao homem se adaptar ao tempo da gestão empresarial. Nesse sentido, o homem deve a todo momento ser e se sentir útil (GAULEJAC, 2007).

Deste modo, não há tempo para delongas, o momento de se especializar, investir em si mesmo, estudar, realizar cursos, empreender é agora, e aqueles que não se adaptarem a essa nova realidade estão, definitivamente, excluídos do sistema. Sendo a culpa exclusivamente deles, uma vez que se parte do princípio de que o sistema promoveu idênticas possibilidades a todos os sujeitos.

Através das estratégias de gestão neoliberais, o trabalho é apresentado ao sujeito como algo atrativo, estimulante, e cada trabalhador deve ser responsável pelos seus resultados, o que faz com que cada um tenha a necessidade permanente ao autoaprimoramento.

Nesse sentido, o incentivo permanente para a realização dos seus objetivos, através do desenvolvimento de suas competências e habilidades, faz com que o sujeito se sinta motivado e, assim, o neoliberalismo consegue acessar o desejo de sucesso, desafio e a própria necessidade de reconhecimento do

trabalhador, de modo que o trabalho se torne um lugar de realização de si mesmo (GAULEJAC, 2007). Dessa forma, a entrega do sujeito ao sistema capitalista é integral.

O neoliberalismo cria, portanto, uma imagem ideal de como o sujeito deve ser e, a partir de todas as suas técnicas de persuasão e educação, o sujeito passa a se ver no espelho exatamente da forma ditada pelo sistema. E, como consequência, ele passa a gozar dos “benefícios” oferecidos pelo sistema, como a “liberdade” e a “autonomia”.

O dispositivo do gozo e competência, anunciados por Michel Foucault, foram criados pelo neoliberalismo para responder a uma urgência, ou seja, a superação do capitalismo industrial e a necessidade de criação do neosujeito.

A ideia central é a transformação do sujeito que, agora, objetiva o gozo, desempenho e competição em empreendedor de si mesmo, ou seja, aquele sujeito que visa o ganho e o sucesso em todos os aspectos da vida, não apenas o laboral. Nessa toada, o desempenho e o gozo se tornam deveres colonizados pelo neoliberalismo.

No contexto neoliberal, o sujeito é treinado para ser o melhor de todos e em todas as instâncias, como um soldado invencível ou um esportista que luta a todo momento por melhores recordes. Ele se governa e se vigia, ou seja, ele é o seu próprio algoz.

Se analisarmos as narrativas dos esportistas, não é difícil identificarmos histórias de superação de pessoas que não tinham condições financeiras para se tornarem atletas profissionais, mas, através do seu esforço próprio, conseguiram vencer e alcançar os seus objetivos. Ocorre que, a partir dessa narrativa, o neoliberalismo apreende a ideia e repassa para toda a sociedade de que tudo é possível. O sucesso é acessível e ele depende única e exclusivamente da sua vontade de vencer, ir atrás de desafios e se autossuperar.

Os discursos de autoajuda e o trabalho dos *coaches* se enquadram perfeitamente nessa narrativa neoliberal que transforma em jogo as experiências mercadológicas.

Aliado ao dispositivo de gozo e desempenho, há que se considerar a competição como um instrumento intrínseco ao sistema, uma vez que é por meio deste que os sujeitos ratificam e provam o seu valor econômico perante o sistema, na medida em que tentam comprovar quem possui mais habilidades e

competência para gerenciá-las.

É importante ressaltar que a gestão, e o gerenciamento em si, não são modelos ou instrumentos que por si só prejudiquem o sujeito. A questão que se discute, aqui, se refere a apreensão desses instrumentos pelo neoliberalismo como meio de exploração e precarização da classe trabalhadora.

Sendo assim, a empresa se organiza com um propósito, qual seja, transformar em econômico e contábil todas as decisões, inclusive, aquelas relacionadas a produção de subjetividades.

Nesse cenário, o intuito é traçar um caminho entre o sujeito trabalhador e o gozo contínuo (FOUCAULT, 2010), ou seja, o objetivo é produzir e gozar dos benefícios o máximo possível, entretanto, o gozo em excesso pode causar um vazio existencial inimaginável, visto que, quanto mais se tem, mais se quer.

4.3 Neuromarketing e suas estratégias: tecnologia, algoritmos e o big data

O final do século XX e início do século XXI foi marcado pela emergência da Revolução Tecnológica e a disseminação da Internet, das tecnologias da informação e comunicação, algoritmos e Inteligência Artificial (IA).

A Era da Internet declarou o fim da geografia física e deu início a Era da Geografia das Redes, ou seja, as distâncias foram redefinidas e novas configurações territoriais emergiram, a partir dos fluxos de informações globais gerados pela Internet (CASTELLS, 2003).

A emergência da Internet propiciou a realização do trabalho em casa, a emergência de uma televida, criação das redes sociais, assim como inaugurou novos padrões de mobilidade urbana.

Ainda que, até hoje não se possa falar em uma uniformidade de acesso global ao uso irrestrito da Internet e suas derivações, há que se considerar que a maior parte do mundo consegue ter acesso à rede mundial da Internet e desenvolver ao menos alguma atividade nela. Ou ainda, seria possível afirmar que os dados das pessoas poderiam ser facilmente encontrados na Internet.

O discurso utilizado pelo sistema neoliberal, por meio da disseminação da Era da Internet, é a ideia de liberdade e comunicação ilimitada, ou seja, ao contrário do controle exacerbado, característico da sociedade industrial e materializado por meio do Panóptico de Bentham, estaria em desuso e uma nova

Era estava a caminho.

As tecnologias da informação e comunicação foram sendo paulatinamente desenvolvidas e inseridas na vida social do sujeito, aumentando significativamente o acesso a informações e dados, e contribuindo para o mapeamento individual de cada sujeito, desde as suas preferências mais ocultas, como a opção política, seus principais desejos, crenças e, até mesmo, os lugares em que frequenta. Segundo Cathy O’Neil:

Com o implacável crescimento dos e-escores, somos colocados em lotes e baldes de acordo com fórmulas secretas, algumas delas alimentadas por dossiês cheios de erros. Somos vistos não como indivíduos, mas como membros de tribos, e ficamos atados a essa designação. (O’NEIL, 2020, p. 249).

O objetivo do desenvolvimento e compartilhamento da tecnologia se dá, portanto, como um novo mecanismo de controle, ainda que velado, de todos os sujeitos que utilizam da rede mundial de computadores.

Sendo assim, os algoritmos são utilizados para capturar as preferências do indivíduo e transformá-las em dados, com o intuito de fomentar o consumo e tornar o indivíduo escravo do materialismo. “Farão conosco o que quiserem, e mal saberemos o que está acontecendo.” (O’NEIL, 2020, p. 269).

A partir do desenvolvimento dos algoritmos e do *big data*, que se trata de um sistema de Tecnologia da Informação (TI) que permite a captura e a análise de muitos dados, coletados na Internet e registrados em tempo real (ORSINI, 2020), foi possível verificar a potência e, ao mesmo tempo, o perigo que os usuários da rede mundial de Internet estão correndo ao terem a sua privacidade violada diuturnamente.

Cathy O’neil (2020) afirma que a partir da emergência do *big data*, o simples ato de fazer uma escolha pela manhã, sobre qual tipo de café tomar, já seria suficiente para que o sistema entenda as suas preferências e combine-as com diversas outras escolhas, realizadas pelo usuário ao longo do dia, por exemplo: se ele dirige até o trabalho, qual candidato ele apoia, por meio das suas curtidas no Facebook ou Instagram, quem são os seus amigos mais próximos, qual a preferência política deles, e, até mesmo, qual o grau de influência eles têm sobre as suas tomadas de decisões.

Um exemplo clássico dessa narrativa pode ser visto nas eleições

presidenciais norte-americanas de 2016, do candidato Donald Trump, e o escândalo enunciado da empresa Cambridge Analytica.

Nesse caso retratado, até mesmo por um documentário chamado “Privacidade Hackeada” disponível na Netflix, foi possível ter acesso às informações da estratégia usada pela empresa britânica para ajudar Donald Trump a vencer as eleições de 2016, usando plataformas digitais como Google, Instagram, Facebook, Twitter, Snapchat e Youtube (PRIVACIDADE, 2016).

O mecanismo utilizado pela empresa foi a utilização e tratamento intensivo de dados coletados das redes sociais dos usuários norte-americanos, e o direcionamento de mensagens nas redes sociais, de modo a acessar determinados usuários e favorecer o voto ao candidato.

As mensagens eram enviadas repetidamente aos usuários, com o objetivo que ele introjetasse aquela ideia como se fosse sua.

Trazendo essa realidade para o mundo do trabalho, é possível afirmar que o sistema neoliberal tem extraído e mapeado, em tempo real, informações sobre a localização e temporização da vida dos trabalhadores (JORGE; BARCELOS; TEODORO, 2021) de uma maneira sutil, sem que os trabalhadores consigam perceber que estão sendo analisados, de perto e a todo instante.

Byung-Chul-Han destaca que o panóptico digital ancorado pelas tecnologias da informação e comunicação se transformou em uma forma de controle muito mais eficiente do que o Panóptico de Bentham, posto que possibilita uma vigilância 360° graus sobre os sujeitos trabalhadores (HAN, 2020).

No panóptico digital, existe uma falsa ideia de liberdade que gera, inclusive, uma certa amabilidade entre os sujeitos trabalhadores que possuem a ideia de serem livres, enquanto, na realidade, são vigiados 24 horas por dia e 7 dias por semana, por tecnologias que não “dormem” e estão a posto para a coleta e tratamento de dados a todo instante.

Para fazer com que determinados sujeitos pensem e realizem escolhas (in)conscientes, em conformidade com a necessidade do sistema neoliberal, as empresas utilizam do neuromarketing como uma ferramenta eficaz na indução de determinados pensamentos e preferências aos sujeitos.

O neuromarketing pode ser entendido como uma ciência que busca compreender quais motores psicológicos presentes no cérebro precisam ser

acionados para incentivar o ato da compra e do consumo (PATEL, 2020)

Em outras palavras, o neuromarketing estuda como o sujeito pensa, e quais são as suas preferências, e utiliza o resultado a favor do lucro. Referido estudo, combinado com a captura e análise de dados em tempo real do big data, é um verdadeiro trunfo nas mãos do capital.

A partir da análise dos dados dos trabalhadores, é possível verificar o aumento dos índices de consumo, uma vez que o sistema, ao conhecer as preferências e desejos dos trabalhadores, passa a induzir as compras por meio de mensagens direcionadas dos produtos procurados pelo consumidor na rede mundial de Internet.

As marcas fazem de tudo para que o ato de comprar se torne emocional, ou seja, sem que haja um pensamento crítico que possa questionar a sua ação e frear o seu impulso inicial ser pensado, pois assim os consumidores criam uma relação com o produto que dificilmente seria quebrado

Retornando mais uma vez para o mundo do trabalho, é possível verificar o uso do neuromarketing, inclusive por grandes empresas de aplicativo, como a Uber, com o propósito de atrair trabalhadores que busquem trabalhos em que se sintam livres, sem cobranças, donos do próprio negócio e do seu próprio horário.

Nesse sentido, Ricardo Antunes afirma que muitos trabalhadores “donos de si mesmos”, vinculados a Uber, acreditam veementemente serem livres para determinar o seu próprio horário de trabalho, não possuem cobranças ou pressão da empresa, definem as suas próprias regras de trabalho, dentre outros (ANTUNES, 2020).

Referida narrativa tem se tornado possível, na medida em que a Uber tem se utilizado de estratégias e técnicas do neuromarketing para convencer os seus “colaboradores” de que a atividade desempenhada por eles não é exploratória, que a permanência por mais de 12 horas trabalhando no aplicativo se trata de uma escolha do usuário, e não uma necessidade para se ter um valor mínimo de salário.

Entre as técnicas utilizadas pela Uber, destacam-se a “psicologia do consumidor, a psicologia das cores, a storytelling, os gatilhos mentais, etc.” (JORGE; BARCELOS; TEODORO, 2021, p. 39).

Ana Carolina Paes Leme afirma, ainda, que a Uber utiliza de uma verdadeira “desarticulação linguística” ao se utilizar de um novo vocabulário para

se dirigir aos trabalhadores, como “colaboradores”, “microempresários”, “empresários de si mesmos”, ou seja, nada é por acaso, até mesmo o uso da linguagem a ser utilizada é considerada pelas empresas (LEME, 2020).

E ao incorporar o discurso neoliberal do empreendedorismo, pregado pela Uber, o trabalhador efetivo acaba por se desestimular e desestimular os demais a lutarem pelo reconhecimento dos seus direitos, enquanto empregados por subordinação algorítmica, causando inclusive uma cisão a solidariedade coletiva (LEME, 2020).

João Ricardo Matta explica que os estudos realizados na antropologia indicam que as pessoas são mais felizes quando se sentem mais ocupadas, ainda que sejam obrigadas a permanecerem nessa condição (AÇÕES, 2020).

Nesse sentido, a Uber utiliza de diversos mecanismos para manter, não apenas os trabalhadores ocupados, mas também os consumidores, através da utilização das técnicas da transparência operacional, demonstrando como a empresa funciona nos bastidores, criando uma empatia e solidariedade do consumidor, que passa a entender como o seu trabalho é desafiador.

Além disso, a Uber aplica também da linha de chegada virtual, ou seja, quanto mais um trabalhador chega próximo a sua meta de corridas pelo aplicativo, mais ele se sente encorajado a trabalhar e alcançá-la. Ou seja, se você fizer mais x viagens, você pode vir a ganhar um bônus de 100 reais.

A Uber também disfruta da estratégia da gamificação do trabalho, que nada mais é do que a prática de aplicar características de jogos para engajar e motivar comportamentos, a fim de encorajar a intensificação do trabalho e aumento da produção em um ambiente controlado por algoritmos (CASTRO, 2020).

Através da gamificação do trabalho as empresas buscam manter os trabalhadores conectados nos momentos que possuem interesse e pelo maior tempo possível com vistas a aumentar os seus lucros e evitar que haja muitos trabalhadores indisponíveis (CASTRO, 2020).

Nesse mesmo sentido, declara Ana Carolina Paes Leme:

[...] empregando centenas de cientistas sociais e cientistas de dados, a Uber experimentou técnicas de videogames, gráficos e recompensas de pouco valor que podem levar os motoristas a trabalhar mais e com mais afinco – e às vezes em horários e locais menos lucrativos para eles. (LEME, 2020, p. 147).

Referidas técnicas de convencimento fazem com que os motoristas passem a automatizar as suas ações, na medida em que apenas cumprem os comandos enviados, de modo automático pelo aplicativo, sem que eles considerem as suas limitações físicas e psicológicas. Desta forma,

Seus comerciais trazem o bordão “Trabalhe com a Uber quando quiser”, “Seja seu chefe, dirija seu carro”, contando com a presença de atores asiáticos, negros, jovens e idosos, sempre felizes e com tempo para a família, estudos, hobbies e amigos. Isso porque o motorista tem a liberdade de “tocar seu negócio do jeito que quiser, sem deixar de lado o que realmente importa”. (LEME, 2020, p. 145).

Todos esses mecanismos de gamificação e técnicas de neuromarketing utilizadas pela Uber, com o auxílio das tecnologias da informação e comunicação, tem como objetivo único a construção de uma subjetividade neoliberal do trabalhador para, consequentemente, atrair mais lucros.

O trabalhador hipossuficiente, premido pela necessidade do trabalho como fonte de subsistência sua e de sua família, não se encontra em uma posição de questionar o sistema e, até mesmo, desvelar as estratégias de neuromarketing pensadas de modo arquitetado para que o trabalhador não se veja explorado pelo sistema.

Verifica-se, portanto, que o neoliberalismo atua no comportamento dos sujeitos, na regulação de ideias, nas identificações e visões de mundo. Ele cria desejos nas pessoas, cria valores e modos de vida e a tecnologia passou a ser utilizada como meio de se aumentar cada vez mais essa manipulação. “O sujeito submisso não é nunca consciente de sua submissão. O contexto de dominação permanece inacessível a ele. É assim que ele se sente em liberdade.” (HAN, 2018, p. 26).

Aliadas as técnicas de neuromarketing, destacadas nesse tópico, se encontram as mídias e telecomunicações, como veículos disseminadores da ideologia neoliberal, que será retratado no próximo subtópico.

4.4 Mídias e telecomunicações

A mídia e os dispositivos de telecomunicações fazem parte da realidade

e do cotidiano das pessoas de diversas formas, tendo tido o ápice a partir da criação das tecnologias de informação e comunicação com a disseminação irrestrita da Internet.

Atualmente, é difícil encontrar pessoas que não tenham acesso às mídias e telecomunicações, também fortemente oportunizadas a partir do incentivo ao consumo e as facilidades engendradas pelo neoliberalismo.

A partir da década de 1990, com a globalização, houve uma centralização dos setores de mídias em torno de grandes empresas que detinham o monopólio e o controle das notícias a serem veiculadas por meio das mídias televisivas (CASTELLS, 2003), ou seja, apenas uma dúzia de empresas controlavam o que as pessoas tinham acesso, sendo possível afirmar que “um país pertence a quem controla os meios de comunicação.” (ECO, 1987, p. 1).

Livros e filmes possuem substanciais mercados globais há anos e, a partir do surgimento da mídia global, foi possível criar um sistema de propaganda auxiliado por políticas governamentais e pela disseminação da ideologia neoliberal, de modo que “a ideologia neoliberal tem fornecido o raciocínio intelectual para políticas que abriram a propriedade das estações de radiodifusão e de sistemas a cabo e via satélite a investidores transnacionais privados.” (HERMAN; CHOMSKY, 2003, p. 15).

É inegável que as mídias possuem “uma dimensão simbólica irreduzível”, podendo ser relacionada com “a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e recebem.” (THOMPSON, 1998, p. 19).

Nas mídias é possível ter acesso a diversos tipos de informações e notícias, desde receitas de comidas até destaques de política, e vida pessoal de celebridades e subcelebridades.

Edward S. Herman e Noam Chomsky acreditam que uma das funções das mídias é servir aos poderosos interesses sociais que a controlam e financiam, desta forma, os representantes, que por sua vez possuem princípios que desejam ser posicionados, buscam restringir as políticas da mídia de modo a direcioná-las para veiculação do que querem sendo noticiado (HERMAN; CHOMSKY, 2003). De acordo com os referidos autores,

[...] as mesmas fontes subjacentes de poder que são proprietárias da mídia e a financiam como anunciantes, que servem como definidoras primárias das notícias e que produzem reações negativas e especialistas 'adestrados', também desempenham um papel-chave na determinação de princípios básicos e de ideologias dominantes. (HERMAN; CHOMSKY, 2003, p. 12).

Sendo assim, seria possível dizer que, a partir de investimentos realizados pelos detentores do capital, determinadas informações e, até mesmo ideologias, são fortemente veiculadas a milhares de usuários, como se fossem notícias desprezensáveis e imparciais.

Portanto, pode-se dizer que a mídia tem um importante papel “na disputa pela hegemonia, na promoção de ideais indenitários, na regulação de comportamentos, na administração da memória, na constituição de opinião pública e na formulação de agenciamentos democráticos.” (COUTINHO, 2008, p. 7).

Ao ter plena ciência da possibilidade de direcionamento do modelo de propagandas, o neoliberalismo, a partir da disseminação das tecnologias da informação e comunicação, investiu nesses modelos de modo significativo, a fim de promover em larga escala a utilização de conteúdos televisivos. Hoje, investe-se também em sites, aplicativos, *streamings* e redes sociais, a fim de atingir um público cada vez maior e de modo diversificado, para que todos tenham acesso aos conteúdos de direcionamento ideológico mercadológico.

O processo de dominação e exploração neoliberal passa, portanto, por um processo de comunicação social, uma vez que “é pela interação semiótica, pela reelaboração e compartilhamento de signos, que os sujeitos constroem suas identidades, organizam sua visão de mundo, representando a realidade a partir de uma determinada perspectiva.” (COUTINHO, 2008, p. 44).

Dentre os temas de maior destaque atualmente, encontram-se os conteúdos relacionados ao estilo de vida individual, tanto pessoal, quanto profissional, assim como as mais diversas formas de consumo.

Através da propaganda, a ideologia neoliberal tem difundido a imagem do sujeito autossuficiente e empreendedor que pode ter acesso irrestrito a bens de serviços e consumo, bastando para isto ter vontade de assumir as rédeas da sua vida, investir em si mesmo, como um capital, e encontrar meios de usufruir das regalias que o mundo material pode proporcionar.

Vende-se a ideia de um sujeito autossuficiente que pode ter acesso a todos os itens de consumo que almeja, desde um Iphone do ano até viagens e propriedades, contanto que ele se insira na realidade neoliberal mercadológica, se esquivando de trabalhos com carteira assinada e empreendendo. Isso se dá através da venda de cursos e mentorias de assuntos que domina, ou, pelo menos, veicula que domina, assim como tendo mais de um trabalho, e diversos outros meios.

O importante é ter uma forma de conseguir capital de forma independente e sem a necessidade de auxílio governamental, uma vez que é passado ao empreendedor a ideia de que o seu sucesso depende apenas da sua capacidade de gerir o seu capital, ou seja, de si mesmo, e caso não consiga realizá-lo, de forma próspera, a culpa é única e exclusivamente dele, que não se empenhou suficientemente.

As grandes empresas, assim como partidos políticos, têm se utilizado da Internet para disseminar informações que lhes convenham, assim como têm utilizado dela como meio de apropriação de dados e conhecimento específico sobre as preferências de cada um dos seus usuários, objetivando o direcionamento específico de propagandas e matérias que auxiliem no processo de construção da subjetividade do sujeito, que compartilhe dos ideais pregados pelo sistema atual.

Relembra-se, o neoliberalismo se apropria do discurso dos movimentos sociais como diversidade racial, gênero, sexualidade, dentre outros, como estratégias de marketing para disfarçar a relação de exploração dos trabalhadores.

Um dos maiores exemplos sobre a utilização das mídias, a fim de construir posicionamentos e pensamentos, nos últimos tempos, foram as eleições de Donald Trump em 2016, denunciada pelo escândalo da atuação da Cambridge Analytica no mapeamento de dados dos milhares de usuários e direcionamento específico de propagandas e materiais, para convencer as pessoas quanto às notícias ali veiculadas e votar no referido candidato.

Contudo, existem diversos outros casos em que a mídia tem sido utilizada como meio de propagação de ideais cujo objetivo central é unificar o pensamento global em torno da ideologia neoliberal.

É importante citar também o papel que os chamados influenciadores

digitais têm na disseminação dessa ideologia, ao movimentar até mesmo milhares de seguidores com promessas de dinheiro fácil, com o discurso de que o sucesso é plenamente possível de ser alcançado por todos, bastando que haja empenho e esforço individual para torná-lo concreto.

Como estratégia de venda dessas ideias, utiliza-se a imagem de pessoas que saíram de um cenário de miserabilidade econômica e social e atingiram uma vida de sucesso, como os jogadores de futebol, demonstrando que se eles conseguiram, todos poderiam segui-los.

O entretenimento é aplicado também como meio de controle e construção de ideias, sendo utilizado como “um veículo eficaz para mensagens ideológicas ocultas” (HERMAN; CHOMSKY, 2003, p. 19) que desvia a atenção do público para assuntos banais e irrelevantes, impedindo-os de dedicar tempo e atenção para assuntos de grande importância, como a política.

Desse modo, a partir do contexto que o sujeito é embebido em uma sociedade neoliberal que controla, além dos meios de produção, as mídias e telecomunicações, consequentemente, ele é levado a pensar e agir em conformidade com o bombardeamento de ideias, incansavelmente veiculadas, e a acreditar que a realidade mercadológica, ao qual é veiculada, é o único caminho a ser seguido.

Além disso, considerando que, desde o recrudescimento da ideologia neoliberal, há discurso de que o Estado não conseguiu evitar a crise econômica e, consequentemente, a onda de miserabilidade e desemprego, o sujeito passa a crer que viver de acordo com a ideologia do capital é o melhor meio a ser seguido. Isto pois o Estado não confere à sociedade os meios necessários para uma vivência próspera e luxuosa que, apenas através dos ideais neoliberais, seria possível alcançá-la.

Em síntese, a mídia e os meios de telecomunicações foram apropriados pelo capital como meio de disseminação da sua ideologia e construção de sujeitos trabalhadores empreendedores de si mesmos, desacreditados das garantias sociais e crentes de um poder sobrenatural da liberdade, de se autoexplorarem em nome de uma vida próspera.

A concorrência, desejo excessivo, e o vazio existencial, criados e causados pelo neoliberalismo, podem trazer sofrimentos psíquicos reais aos sujeitos trabalhadores que se encontram na linha de frente dos desejos escusos

do capitalismo atual.

4.5 Sofrimento psíquico como um estado latente do (a) trabalhador (a) neoliberal

O trabalho não se limita a experiência “prática” do mundo, e muito menos pertence ao mundo visível e palpável, uma vez que advém da experiência da subjetividade.

Segundo Christophe Dejours, o trabalho excede o limite do que é entendido pelo tempo trabalho, ou seja, o trabalho mobiliza o sujeito por completo (DEJOURS, 2015).

O trabalho, na perspectiva da psicodinâmica do trabalho, pode exercer uma função dupla na vida do sujeito trabalhador, uma vez que pode auxiliar no processo de ressignificação do sofrimento e transformação das situações que o criaram, mas pode também contribuir para elevar o sofrimento e levar o sujeito a alterações psíquicas críticas.

A inteligência da realização do trabalho mobiliza toda a subjetividade, até mesmo ultrapassando-a. Quer-se dizer com isso que as dificuldades encontradas no trabalho são carregadas para o ambiente fora dele e suas angústias são descontadas em parentes próximos, cônjuge e amigos (DEJOURS, 2022).

Não é incomum que o sujeito trabalhador tenha insônias ou mesmo pesadelos com o trabalho, sendo graças a todo esse trabalho interno que se obtém a familiaridade com a tarefa desempenhada diariamente. Encontrar novos caminhos e soluções para o trabalho faz com que haja uma transformação de si profunda do sujeito, de modo que o trabalho passa a colonizar toda a subjetividade do sujeito (DEJOURS, 2022).

Ainda no século XVIII, o trabalho era tido como uma punição aos loucos e desviantes, que eram obrigados ao trabalho forçado, como forma de organização e controle da sociedade. Nesse cenário, a psiquiatria atuou de modo incisivo no auxílio do controle físico a tudo que não estivesse em conformidade com o usualmente aceitável (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021).

Nesse sentido, é possível dizer que a psiquiatria teve sua origem em meio a garantia da ordem social (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021).

O modelo de gestão neoliberal, baseado nos dispositivos de gozo, desempenho e competição, despertam vazios existenciais nos sujeitos trabalhadores, visto que estes são incentivados a estarem a todo momento conectados com a lógica empreendedora do sistema neoliberal.

Diferentemente do ideal do século XVIII, na gestão neoliberal, o trabalho é considerado fonte infinita de prazer e felicidade, no qual, através do esforço próprio, as pessoas conseguem alcançar os seus objetivos e sonhos.

Christian Dunker, Nelson da Silva Junior e Vladimir Safatle afirmam que o neoliberalismo não é apenas um modelo socioeconômico, mas também gestor do sofrimento psíquico, uma vez que as ações econômicas estão sendo cada vez mais justificadas em categorias morais psicológicas (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021).

O neoliberalismo tem como vetor principal a recodificação de todos os processos sociais e subjetivos, com o objetivo de maximização dos lucros. Dessa forma, pode-se afirmar que houve a passagem do sofrimento psíquico como sintoma para o sofrimento psíquico como gozo (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021).

A função neoliberal de gestor do sofrimento psíquico possui dois sentidos: aquele que gera e aquele que gerencia. “Pois o sofrimento psíquico não é apenas produzido, mas também gerido pelo neoliberalismo.” (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021, p. 10).

A busca desenfreada pelo sucesso pressiona o sujeito a resultados contínuos e acima da média, e faz com que ele se encontre em um ambiente hostil de medo e pressão, gerando “comportamentos de adição, estresse cultural, sentimento de invasão, contra o qual é difícil se defender.” (GAULEJAC, 2007, p. 218). Assim, o neoliberalismo busca

Encontrar o melhor aproveitamento do sofrimento no trabalho, extraindo o máximo do cansaço com o mínimo de risco jurídico, o máximo de engajamento no projeto com o mínimo de fidelização recíproca da empresa, torna-se regra espontânea de uma vida na qual cada relação deve apresentar um balanço e uma métrica. (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021, p. 10-11).

A ideologia utilitarista, empregada pelo neoliberalismo, promovia a despolitização da classe trabalhadora, e quanto mais despolitizada, ou seja,

ciente de todas as alterações que vinham sendo arquitetadas nos aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais, mais fácil é a manipulação da sociedade:

O que importa no capitalismo é controlar os dispositivos semióticos a-significantes (econômicos, científicos, técnicos, contábeis, do mercado de ações) através dos quais ele busca despolitizar a despersonalizar as relações de poder. (LAZZARATO, 2014, p. 41).

O próprio sistema individualista do sistema neoliberal foi criado visando eliminar a coletividade e solidariedade de seus pares, ou seja, dos trabalhadores, a fim de que seja mais difícil que a classe se veja em sofrimento e tenha reconhecimento ou empatia pelo sofrimento alheio.

O neoliberalismo se apropriou do discurso presente nos movimentos sociais, como diversidade racial, gênero e sexualidade, a fim de encobrir a relação de exploração e espoliação dos trabalhadores pela relação de dominação do capital, bem como promover a dessubjetivação do trabalhador (CASULO, 2023). Segundo a autora,

A dessubjetivação da classe trabalhadora ocorre quando a identidade da classe social é reduzida à esfera do particularismo narcisista do 'eu'. Esse processo ficou conhecido como 'empoderamento', processo que rapidamente retorna contra o trabalhador de forma patológica, por meio de depressões e um profundo sentimento de fracasso, culpa e ressentimento. (CASULO, 2023, p. 205-206).

A incerteza, a ameaça e o medo se tornam peças-chave da política gerencialista neoliberal, enquanto o trabalhador, inseguro das reais condições de êxito, é obrigado a estar sempre ativo para não perder o seu lugar na briga pelo sucesso.

O medo aqui referenciado é multifacetado, podendo-se destacar o “medo da fome, da miséria, do desemprego, do futuro e da morte” (ALMEIDA; ALMEIDA, 2020, p. 46), uma vez que o sistema cria uma realidade de desigualdade social, precariedade social, econômica, política e existencial que induz os trabalhadores ao limite de suas emoções e os direciona à “única solução viável”: aderir aos desígnios pregados pelo sistema.

Considerando que o neoliberalismo transforma, em econômicos, os aspectos da vida moral e social dos indivíduos, é possível relacioná-lo à

produção das doenças psíquicas. O que significa que a psiquiatria inaugurou uma nova etapa de, não apenas descrever, compreender e tratar os sofrimentos psíquicos, como também os produzir, para depois cuidá-los através de medicamentos (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021), até porque a superação do sofrimento psíquico cabia, única e exclusivamente, ao sujeito.

Os problemas e as dificuldades encontradas pelos trabalhadores nesse percurso são atribuídos apenas ao sujeito e a sua incapacidade de gerir o seu trabalho, não há espaço para críticas ao modelo gerencial do sistema neoliberal, afinal, há uma naturalização do modelo concorrencial.

Sendo assim, uma vez que o sujeito não se conecta com a classe trabalhadora, mas sim com o próprio capital, ele passa a sentir as crises econômicas de forma pessoal, tomando para si a crise como um fracasso (CASULO, 2023).

A premente necessidade de estar acima da média, de ter uma fonte inesgotável de conhecimento, e não poder errar ou se mostrar vulnerável, gera uma sensação de insuficiência, angústia, incompletude. O “super” homem passa a ter a sua personificação na sociedade neoliberal, que está sempre pronta para novos desafios e se reinventa constantemente.

Todo esse ambiente inaugura uma realidade das patologias do trabalho, traduzidas em estresse, cansaço, ansiedade, depressão, Síndrome de Burnout, e o vício por psicotrópicos, que atuam na exata medida para fazer com que os trabalhadores suportem a pressão e se mantenham mais alertas. Esses medicamentos auxiliaram os trabalhadores a suportarem todo o estresse concorrencial de pressão do sistema.

A hipótese depressiva se tornou rapidamente uma forma de sofrimento globalizada, podendo ser entendida como a maneira que os indivíduos são induzidos a interpretar os próprios conflitos, e passar a amar o sintoma como a si mesmo e a defendê-lo como sua forma de vida.

A neuropsiquiatria neoliberal fez desaparecer diversas formas de diagnósticos históricos. A paranoia, por exemplo, foi sendo incluída e subordinada à esquizofrenia, as psicoses infantis foram sendo diluídas em Transtorno do Espectro Autista (TEA), a histeria dilui-se em Transtornos de fobia social, anorexias, transtornos de gênero, dentre outros (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021).

Um novo tipo de transtorno passou a ser difundido e conhecido, entre 1989 e 2000, o chamado Transtorno de Personalidade Borderline, marcado por “sentimentos depressivos e impulsividade, os estados limites ou personalidade limítrofes ocuparam longamente a reflexão psicanalítica.” (DUNKER, 2021, p. 192).

O modelo de engenharia social do neoliberalismo faz com quem os sujeitos deixem de se reconhecer como mobilizadores de conflitos sociais, e se vejam como sujeitos de performance, “otimizadores de marcadores não problematizados.” (SAFATLE; 2021, p. 25).

Nesse cenário, a psiquiatria surge como uma aliada essencial para o sistema neoliberal, na medida em que auxilia no processo da capacidade laborativa dos sujeitos (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021).

Os fenômenos desencadeados pelo neoliberalismo, e que geram sofrimento psíquico como solidão, medo, ansiedade, dissolução dos limites entre a vida pública e privada, entre outros, são resultado de novas doenças psíquicas criadas pelo neoliberalismo e que necessitam de uma atuação imediata da psiquiatria, a fim de que não sejam doenças incapacitantes e atrapalhem o processo de acumulação de lucros pelo sistema (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021).

A partir dessa análise, seria possível aferir a existência de uma patogênese característica da Era Neoliberal, através da reformulação da própria noção de transtornos mentais, e que contribui para a disseminação de diversos outros transtornos.

Ou seja, a partir do recrudescimento da ideologia neoliberal, houve o aumento significativo de categorias diagnósticas, de modo a patologizar diversas esferas da vida psíquica que, antes, não mereciam atenção da psiquiatria, ou não se encaixava em uma categoria de transtorno psiquiátrico (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021).

Exemplos dessas novas categorias seriam: Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade – TDAH, depressão, Transtornos de Ansiedade, estresse e outros.

Além do aumento das categorias de doenças e transtornos psíquicos, através das mudanças sociais propiciadas pelo neoliberalismo, existe a possibilidade de se pensar em intervenções psiquiátricas, mesmo que não haja

uma referência à noção de transtorno.

Ou seja, para que a pessoa seja submetida a um tratamento psiquiátrico, não é preciso que haja um transtorno, uma vez que a psiquiatria passou a ser utilizada a favor da performance da sociedade, perante as suas atividades habituais e laborais: “Trata-se da possibilidade de medicar sem a presença do transtorno, de uma proposta de intervenção no campo médico para além da cura de uma doença.” (NEVES *et al.*, 2021, p. 155).

Em outras palavras, quer-se dizer que um paciente que se dirige a uma clínica psiquiátrica, e busca por um diagnóstico preciso para a sua “cura”, não precisa necessariamente ter um diagnóstico certo sobre aquilo que o aflige para ser medicado, uma vez que o objetivo é que ele se sinta capaz de continuar exercendo as suas atividades laborais em busca do lucro.

O neoliberalismo emprega uma nova definição do que se pode chamar de “normalidade psicológica”, na medida em que “tudo que fosse contraditório em relação a tal ordem só poderia ser a expressão de alguma forma de patologia. Patologizar a crítica era simplesmente mais um passo.” (SAFATLE; 2021, p. 32).

Há cada dia aumenta o número de diagnósticos com transtornos mentais, não porque estamos ficando doentes, mas, sim, porque isso gera lucro para toda a indústria de saúde mental: quanto mais transtornos, mais psicólogos, psiquiatras, e a indústria farmacêutica ganha com isso.

Além disso, a medicalização de problemas sociais impede reformas políticas, pois ao patologizar o sofrimento mental, as pessoas começam a se tratar de forma individual, sem enxergar que um dos grandes causadores desse sofrimento é a política neoliberal.

Aqui se desnuda uma íntima relação entre economia e ciência, mais especificamente, entre psiquiatria com seus saberes e o neoliberalismo com sua lógica de produção de tamponamentos para as fragilidades, inconsistências e precariedades humanas segundo o critério da produtividade máxima a todo momento. (NEVES *et al.*, 2021, p. 163).

Ao longo dos anos, foram sendo desenvolvidos fármacos com o intuito de conter os sintomas das neuroses, mania, depressões e outras doenças.

Sobre esse assunto, Christian Dunker destaca que o efeito genérico dos novos antidepressivos os torna eficazes, não apenas para a depressão, mas também outros transtornos e, em razão disso, tornou-se cada vez mais tentadora

a possibilidade de inverter o raciocínio clínico clássico, no sentido de que primeiro se encontra o diagnóstico, para depois realizar o tratamento (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021).

As indústrias farmacêuticas patrocinam campanhas, a fim de manter a população “informada” acerca de determinadas doenças psiquiátricas, o que faz com que as pessoas enquadrem os seus sofrimentos psíquicos dentro daquelas condições destiladas pela indústria. Assim, elas passam a buscar o seu tratamento de acordo com os interesses desta, ou seja, adquirindo psicofármacos para se sentirem melhores. (MOYNIHAM; HEATH; HENRY, 2002; BONACCORSO; STURCHIO, 2002; AGUIAR, 2004).

Com a proliferação de transtornos psiquiátricos, a partir da emergência do neoliberalismo, houve um *boom* de oferta de novos remédios psiquiátricos que prometiam a “felicidade” e o conforto aos pacientes.

Destaca-se, inclusive, a utilização de psicofármacos com o intuito de promover o “bem-estar” dos indivíduos e garantir a execução de alta performance nas suas atividades cotidianas e profissionais, através da utilização de drogas como Ritalina e Adderal, conhecidas como *smart drugs* (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021).

A facilidade em acessar os medicamentos e as promessas de melhora instantânea fez com que os diagnósticos se normalizassem e se tornassem parte da realidade da sociedade, ou seja, em algum momento, todos seriam acometidos por algum espectro, seja da depressão, da ansiedade ou tantos outros.

Além disso, a farta oferta de medicamentos pela indústria farmacêutica contribuiu para o autodiagnóstico e medicação, e facilitou o acesso dos sujeitos aos remédios sem a devida prescrição médica.

Entretanto, havia um efeito genérico nesses medicamentos, de modo que eles não tratavam apenas a depressão, a título de exemplo, mas também o Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), os transtornos alimentares, do sono, ansiedade, dentre diversos outros (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2021). Sendo assim,

Com uma medicação que atacava um espectro cada vez mais abrangente de sintomas, inibições e angústias, torna-se cada vez mais tentador inverter o raciocínio clássico, que vai do diagnóstico para o

tratamento, e, em vez disso, passar à lógica de que se a medicação funciona, é isso que o paciente tem, ou deve ter. (DUNKER, 2021, p. 185).

Na dinâmica neoliberal, o sofrimento perde as relações históricas para ser concentrado no presente, tendo em vista que os sintomas devem sempre estar relacionados à figura social do fracassado, ou seja, aquele sujeito que não consegue se ajustar às normas e precisa sentir culpa por não se inserir na dinâmica mercadológica.

Dessa forma, o sofrimento é individualizado e obriga o sujeito a interiorizá-lo, a realizar uma autoavaliação dos motivos pelos quais ele não foi suficiente para persistir nas dinâmicas sociais e econômicas da sociedade.

De todos os transtornos erigidos, a partir do recrudescimento neoliberal, segundo Christian Dunker, o Transtorno de Personalidade Borderline talvez seja o mais característico, tendo em vista que, para as pessoas acometidas desse transtorno, os momentos de alternâncias intermitentes podem ser um grande entrave.

É que na sociedade neoliberal prega-se a possibilidade do trabalho contínuo, ou seja, ainda nos momentos de lazer e desconexão, uma vez que se trata de um modo de vida.

O Borderline desafia os limites, não se prende a territórios fixos, compromissos identitários e funções definidas, ou seja, é um sujeito que se sente livre, que tem dificuldade de seguir as normas, não possui empatia pelo outro e precisa, a todo momento, testar as suas capacidades e limites para provar o seu valor, um verdadeiro sujeito neoliberal.

Ana Celeste Casulo entende que a depressão, conforme apresentada durante a vigência do neoliberalismo, deve ser vista como uma posição ética do sujeito, diante do processo de desefetivação do ser humano. Isso porque, a ideologia neoliberal, cada vez mais agressiva, busca culpabilizar sempre o sujeito pelo seu próprio fracasso. Tudo com base na ideologia do positivismo de que cada um é responsável pelo seu sucesso ou fracasso (CASULO, 2023).

Sendo assim, qualquer alteração nessa condição do positivismo pregado pelo sistema, é entendida como “vitimização” e fracasso. Dessa forma, o sujeito depressivo acaba por não conseguir responder aos estímulos de velocidade da produtividade, sinalizando que existe um conflito entre o sujeito do desejo e os

processos de acúmulo de capital, pois ele deseja um sentido para a vida, diante de uma realidade de subjetividade esvaziada (CASULO, 2023).

A psicodinâmica do trabalho, conhecida pela busca da compreensão existente entre os aspectos psíquicos e subjetivos, mobilizados por meio da realização do trabalho, busca compreender a relação existente entre o trabalho e a saúde psíquica do trabalhador, a partir de um trabalho conjunto entre grupo de trabalhadores e pesquisadores. Essa seria uma opção para a busca de uma solução para o sofrimento psíquico sintomático do trabalhador neoliberal.

Entretanto, é necessário ponderar que se trata de um desafio crítico, que necessitaria de um viés coletivo, já que o sistema neoliberal construiu diversas teias para que os sujeitos trabalhadores permaneçam na posição de gestores de si mesmos e, conseqüentemente, de seus problemas, e reproduzam essa máxima, insistentemente, aos demais membros da sociedade.

5 SUJEITO NEOLIBERAL

Após delineado alguns dos mecanismos utilizados pelo neoliberalismo para promover a construção da subjetividade dos(as) trabalhadores(as), passa-se à descrição do sujeito neoliberal e suas características.

5.1 O empresário de si mesmo

O neoliberalismo visa, através dos dispositivos de subjetivação, produzir sujeitos unificados e focados em produtividade, gozo, desejo, positividade e acumulação de capital.

A interpassividade é um processo da subjetividade que permite a exteriorização mais profunda do sujeito, por intermédio da sua interação com o outro que passa a ocupar o lugar do sujeito na situação da passividade (ZAFALON; SILVA, 2017).

A interpassividade pode ser parte de uma forma de alienação do sujeito em favor de uma falsa sensação de autenticidade (ZAFALON; SILVA, 2017). É como se o sujeito transferisse para outrem a possibilidade de escolhas da vida, e permanecesse como um sujeito passivo em relação ao seu futuro (ZAFALON; SILVA, 2017).

Nesse sentido, o objeto, ou o outro, dita os rumos da vida do sujeito interpassivo, que vive a vida como se a realidade disposta a sua frente fosse a única opção a ser concretizada.

Nesse momento, é importante realizar a diferenciação entre construção da subjetividade e captura da subjetividade do sujeito. O primeiro se refere a um processo de construção total da subjetividade da pessoa, a partir do início da sua vida, ainda desde criança, ou através de um processo de desconstrução da sua subjetividade anterior e construção de um novo rumo. Já a captura da subjetividade trata-se do processo de captar aquilo que o sistema entende como “útil” e, em consonância com a sua ideologia, no presente caso, a ideologia do empreendedorismo, usar-se das capacidades e construções pessoais para moldá-las a favor do capital.

A valorização da concorrência, do lucro e da empresa, pelo neoliberalismo, permite a construção do sujeito econômico, através de um

processo autoeducador, no qual o sujeito é induzido a se conduzir, uma vez que é empresário de si mesmo.

O empreendedorismo trata-se de um processo em que o sujeito vai aprender a se reconhecer como capital a ser (re)investido e participar ativamente do ambiente competitivo, a fim de se destacar auferindo lucro e em uma busca incessante da felicidade, dos desejos e dos prazeres.

Segundo Ludwig Von Mises, o empreendedor age para garantir a sua sorte via avaliação do risco e previsão do mercado, sendo assim

[...] o empreendedor é sempre um especulador. Ele prevê em função de situações futuras e incertas. Seu sucesso ou seu fracasso dependem da exatidão com que prevê acontecimentos incertos. [...] A única fonte de onde saem os lucros do empreendedor é sua aptidão para prever melhor do que os outros qual será a demanda dos consumidores. (MISES, 1949, p. 307).

O empreendedorismo, enquanto ideologia pregada pelo neoliberalismo, tem como característica principal a captura da subjetividade, de modo que haja uma identificação entre os valores pessoais dos trabalhadores com os ideais capitalistas, e, conseqüentemente, culpa do sujeito por eventuais fracassos (CASTRO, 2021).

O sujeito neoliberal se dedica inteiramente a sua atividade profissional, uma vez que vê nela o seu empreendimento pessoal e profissional, através do qual poderá satisfazer todos os seus desejos e prazeres.

Dessa forma, o sujeito empresa

[...] deve trabalhar para a sua própria eficácia, para a intensificação do seu esforço, como se essa conduta viesse dele próprio, como se está lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, à qual ele não pode resistir. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 327).

Para ter acesso ao lucro e ao sucesso pessoal, o sujeito neoliberal está disposto a qualquer sacrifício, assumindo riscos, se sacrificando em nome de um bem maior e, até mesmo, assumindo responsabilidades pessoais por falhas ou problemas sociais. Trata-se, portanto, de um sujeito

[...] competente e competitivo, que procura maximizar o seu capital humano em todos os campos, que não procura apenas projetar-se no futuro e calcular ganhos e custos como o velho homem econômico,

mas que procura sobretudo trabalhar a si mesmo com o intuito de transformar-se continuamente, aprimorar-se, tornar-se sempre eficaz. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 333).

O sujeito atomizado não age como classe em si, ele é manipulado pelo ideal neoliberal para não ter consciência de pertencimento a uma classe, e é levado a crer que é autossuficiente e independente, se vendo como responsável pela sua sorte e pelo seu destino (HAN, 2020).

No mesmo sentido, Maria Cecília Máximo Teodoro destaca que o neoliberalismo se utiliza da apropriação da subjetividade dos trabalhadores para inculcar a ideia de que “quem ama o que faz” produz cada vez mais, desenvolvendo-se uma autoexigência e autoexploração capaz de fazer com que eles não mais se reconheçam entre si, enquanto classe social, apresentando uma verdadeira Síndrome de Patrão (TEODORO, 2017).

Apesar das condições de trabalho impostas a esses sujeitos serem duras e altamente competitivas, eles se apegam à necessidade premente de realização dos seus desejos e prazeres, e reproduzem comportamentos de resignação, diante do ambiente hostil e sem garantias de solidariedade.

Desta forma, é possível verificar que a empresa de si mesmo é um empreendimento de cunho social e psicológico que permeia todos os domínios da vida do sujeito, e está presente em todas as relações sociais da pessoa, ou seja, trabalho, amizade, relacionamento, educação dos filhos etc.

Pierre Dardot e Christian Laval afirmam que o empreendedor de si mesmo inicia a sua jornada logo cedo, desde que o adolescente se pergunta o que quer fazer da vida. Nesse sentido, é preciso ponderar que esse momento pode-se dar antes mesmo da adolescência, uma vez que a educação neoliberal inicia suas investidas ainda na educação infantil, havendo hoje diversas crianças atuando no projeto de investimento no seu capital pessoal (DARDOT; LAVAL, 2016).

A título de exemplo, é possível citar as crianças *youtubers*, que se multiplicam perante as diversas redes sociais presentes na sociedade atual, e que incentiva a busca pelo sucesso e prazer cada vez mais novos, como se esse fosse o único caminho possível para ter uma vida próspera tanto pessoal, quanto financeiramente.

É importante destacar que o sujeito neoliberal pode ou não estar vinculado a um emprego nos termos previstos na Consolidação das Leis do Trabalho

(CLT), posto que a racionalidade neoliberal faz com que o empreendedor de si mesmo utilize dessas características em qualquer ambiente a que esteja exposto, demonstrando, inclusive para os trabalhadores subordinados, que é possível, senão até necessário, manter mais de um trabalho, pois a grande importância é o desenvolvimento de si mesmo para o alcance dos seus desejos.

A título de exemplo, cita-se o empregado subordinado a uma empresa que busca desenvolver-se durante o seu tempo livre, de modo incessante, sozinho, através da realização de cursos e mentorias, para se manter no mercado e se destacar ante um ambiente laboral competitivo que premia aqueles que se destacam.

Ou até mesmo aqueles que possuem mais de um trabalho, e possui jornadas de trabalho exaustivas, por ter que se dividir em diversas atribuições, uma vez que pode vir a possuir um trabalho formal, mas também ser motorista de Uber e ter seu próprio empreendimento pessoal.

Contudo, esses trabalhadores, embebidos por uma ideologia neoliberal, não conseguem perceber que essa necessidade e pressão constantes fazem parte de um plano da racionalidade em fazer com que os trabalhadores vivam sob o manto do medo de serem substituídos, da fome, da exclusão, da miséria e do pertencimento.

Como o neoliberalismo impõe uma realidade baseada no gozo, na positividade, otimismo, e outros, pode-se afirmar que o sujeito neoliberal é um sujeito esvaziado do próprio desejo, pois vive em função do desejo do outro, qual seja, o capitalismo.

Desta forma, o neoliberalismo apenas funciona na forma como é empregada, visto que distancia o sujeito de si e dos seus desejos, reduzindo o tempo de vida a tempo de trabalho, criando a máxima de que essa é a única forma de prosperidade para o ser humano (CASULO, 2023).

A ideologia do empreendedorismo cria a falsa ilusão de que um dia todos poderão se tornar ricos e donos do seu próprio negócio, bastando ter boa disposição, foco, fé, força, disciplina e uma dose extra de sacrifício pessoal.

A consequência dos estímulos pregados pela ideologia neoliberal, materializados pelo ideal do empreendedorismo, é a distorção da imagem que os trabalhadores têm da realidade e de si mesmos, uma vez que o simples ato de vender bombons dentro do carro, enquanto motorista de Uber, ou no próprio

semáforo, o faça um grande empreendedor no mercado interno e externo.

O sujeito interpassivo se apropriou dos ideais neoliberais e transferiu para ele, ainda que de modo inconsciente, o controle de suas ações e omissões, agindo diuturnamente de acordo com os seus comandos e atomizados aos seus princípios mais basilares.

Em síntese, pode-se dizer que o neoliberalismo construiu e implementou um ideal de sujeito interpassivo, autônomo, autossuficiente, empreendedor de si mesmo, que aceita como natural as formas de precarização social e a transferência da sua autenticidade ao sistema e ao próprio objeto de maior valor neoliberal: o consumo.

5.2 O consumo como obrigação

No capitalismo, as relações sociais estão diretamente conectadas com a produção do consumo, a mercadoria e a acumulação de riquezas.

Slavoj Žizek afirma que a sociedade atual possui como princípios básicos o consumo, a crença e a obediência (ŽIZEK, 2006).

Através dos dispositivos da captura da subjetividade dos trabalhadores e a inversão de lógica da ideologia do empreendedorismo, para que o sujeito se torne atraente, nessa realidade, é preciso que ele se torne vendável para o mercado, ou seja, é necessário que ele reúna qualidades e habilidades individuais que, posteriormente, são apropriadas e transformadas pelas empresas em substrato para o seu próprio benefício.

O advento da Internet contribuiu consideravelmente para a lógica consumerista instaurada pela ideologia neoliberal, de modo que a partir da proliferação da globalização, os sujeitos tiveram grandes facilidades nos processos de compras, podendo realizá-las a qualquer hora e em qualquer lugar, bastando terem acesso à rede.

Além disso, o desenvolvimento da tecnologia da informação e comunicação, aliada ao *big data*, permitiu o acesso aos dados irrestritos dos sujeitos que passaram a ser bombardeados com anúncios e propagandas direcionados ao seu gosto e desejo, de modo que “os comportamentos que anteriormente não eram observáveis, sejam agora captados.” (ZUBOFF, 2018, p. 41).

Maria Cecília Máximo Teodoro afirma que o panóptico pós-moderno foi reformulado, de tal maneira que, hoje, o sistema de castas é avaliado de acordo com a capacidade de consumo dos sujeitos. Dessa forma, eles são levados a consumir cada vez mais para alcançar uma classe superior (TEODORO, 2017). É como se existisse um sistema de identidade de consumo. Consequentemente,

[...] invertem a ordem trabalho, logo consumo, para quero consumir, logo tenho que trabalhar o tanto que for necessário para conseguir. O sistema alimenta essa síndrome introjetando na pessoa necessidades artificialmente criadas a partir de seus próprios dados pessoais, por ela mesma ofertados em suas interações sociais digitais. O resultado é o mesmo do panóptico, as redes sociais e as empresas fazem com que as pessoas (ou usuários, para não dizer, viciados) sejam seus próprios algozes sem nem mesmo perceber. (TEODORO, 2017, p. 333).

O culto ao gozo e ao desejo faz com que os trabalhadores sejam manipulados a adquirirem mercadorias desenfreadamente, seja de bens materiais, cursos, psicoterapia, psicofármacos, dentre outros. É como se tivessem um *script* a ser seguido (ALVES, 2011).

Segundo Zygmunt Bauman, a passagem do simples consumo à atual realidade do consumismo foi resultado de uma verdadeira “revolução consumista” que transformou o consumo no “verdadeiro propósito da vida humana.” (BAUMAN, 2008, p. 38-39).

Segundo Ailana Ribeiro, os indivíduos encontram-se imersos em uma sociedade

[...] na qual desejos e caprichos são postos como necessidade e na qual o trabalho assalariado, via de regra, é reduzido tão somente a um meio de realização de consumo [...] quem há um tempo trabalhava pelo “pão”, tende, hoje, a trabalhar, também, e sobretudo, pelo “smartphone de última geração. (RIBEIRO, 2021, p. 116).

O consumo se tornou uma obrigação aos sujeitos, de modo que

[...] ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém poderá manter segura a sua subjetividade se reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. (BAUMAN, 2008, p. 20).

Buyng-Chul Han pondera que o neoliberalismo se traduz na otimização

peçoal, servindo a um funcionamento perfeito do sistema. Essa ideologia descola-se de compromissos com o bem-estar, ou com a pessoa humana, tratada como mera mercadoria, haja vista que “tudo é comparável, mensurável e está sujeito à lógica do mercado”. Não há “nenhuma preocupação com a boa vida que impulsiona a otimização pessoal.” (HAN, 2020, p. 45).

Na nova realidade da sociedade do consumo, os trabalhadores, grosso modo, se sujeitam a quaisquer metas, condições de trabalho, jornadas extenuantes e, até mesmo, a ter mais de um emprego, desde que receba uma remuneração elevada a ponto de o manter apto a perpetuar na escala de consumo desejável.

A partir de toda essa dinâmica, o indivíduo passa a ser visto e valorizado pela sociedade via sua capacidade de compra, uma vez que

[...] numa sociedade na qual as características da pessoa como consumidora representam as medidas para o seu nível de aprovação ou reprovação social, os “consumidores falhos” estão fadados a exclusão; e para escapar dessa espécie de invalidez social, resta, pois, adotar e seguir os preceitos da cultura consumista. (RIBEIRO, 2021, p.108).

Nesse sentido, Baudrillard ensina que há um “processo de classificação e de diferenciação social” (BAUDRILLARD, 2011, p. 66), na medida em que o indivíduo passa a ser avaliado de acordo com a sua possibilidade e padrão de consumo e é “por meio dele que se alcança visibilidade social; é também por meio dele que se é socialmente julgado e classificado.” (RIBEIRO, 2021, p. 112).

O culto à exaltação da vida privada por meio das redes sociais, aliada à captura desenfreada de dados dos sujeitos, demonstra que as informações íntimas se encontram veiculadas na esfera pública. Deste modo, o sujeito se torna, ao mesmo tempo, consumidor e mercadoria, pois

Ao transformar o corpo em mercadoria a ser avaliada e consumida, o corpo passa a ser controlado pelas mídias sociais, deixando de pertencer à pessoa, uma vez que para pertencer e ser aceito, o indivíduo precisa adequar o seu corpo ao estilo predominante. (TEODORO, 2017, p. 336).

A partir do contexto criado e retroalimentado pelo neoliberalismo, o sujeito trabalhador participa da sociedade, hoje, em três importantes momentos: “no início, com a sua produção; no momento intermediário, com a oferta de seus

dados; e na ponta, ao consumir.” (TEODORO, 2021, p. 337).

A acumulação e o processo em si de compra não representam o grande propósito humano, mas, sim, o processo de aquisição em que os consumidores satisfazem as suas expectativas e se realizam plenamente, ainda que em pequenos espaços de tempo (RIBEIRO, 2021).

Isso demonstra o aspecto simbólico do processo do consumo, e a ideia de que, talvez, a tônica da questão não seja adquirir o bem em si, mas a “escassez desses bens e da impossibilidade de que os outros possuam.” (CANCLINI, 2010, p. 63).

Na lógica neoliberal, o sujeito abandona o consumo pela necessidade e se torna um sujeito subordinado ao consumismo dos desejos, caprichos, vontades e anseios. Busca-se a satisfação plena das necessidades artificiais e superficiais, de modo a fazê-lo se sentir pertencente a uma sociedade do consumo, ou seja, o sentimento de pertencimento é construído pelo consumo (CANCLINI, 2010).

A interpassividade, ditada por Slavoj Žižek, é utilizada para que a realidade não seja transformada e tudo continue como está, ou seja, sem alterações e mudanças. Se está tudo bem, de acordo com os desígnios do capital, não há necessidade de alterar, dando uma falsa sensação de normalidade.

O ato de consumir desenfreadamente foi absorvido pela sociedade como um ato natural, através do processo de industrialização e disseminação da tecnologia, que não deve ser questionado, afinal, faz parte de uma consequência lógica do futuro tecnológico.

Contudo, é preciso haver um olhar crítico para o significado do consumo na sociedade atual, no vazio dos sujeitos e na permanência da exploração da sociedade.

Transformar o trabalho dos sujeitos em um mero instrumento para se alcançar as possibilidades do consumismo, é abandonar as formas subjetivas de satisfação que o próprio trabalho pode oportunizar aos trabalhadores, e deve ser visto como um mecanismo do capital de fazer com que o trabalho seja apenas um mecanismo econômico de alcance aos bens materiais, e o trabalhador mais uma marionete do sistema capitalista.

6 A SUBJETIVIDADE DO MOTORISTA DE APLICATIVO

Nos últimos capítulos, foi demonstrado como o neoliberalismo, através da ideologia do empreendedorismo, construiu a subjetividade do sujeito contemporâneo, a partir do seu recrudescimento na década de 1970.

O objetivo do presente capítulo é analisar, de maneira prática, a ideologia neoliberal do empreendedorismo que compõe o universo existencial dos motoristas de aplicativos, a partir do documentário “Uberland” e pesquisa empírica, realizada pela professora Viviane Vidigal com os motoristas da Uber.

A Uber se instalou no Brasil no ano de 2014, contudo, foi após o comercial “jeito diferente” ter ido ao ar no Fantástico (UBER, 2017), que houve um *boom* de cadastros de motoristas nos aplicativos.

A estratégia de engenharia social utilizada pela Uber, na referida propaganda, foi a narrativa de um motorista que contou como a sua vida “mudou para melhor”, após ter iniciado o seu trabalho no aplicativo. A partir disso, a Uber convida o público a se cadastrar no aplicativo e se tornar um motorista “parceiro”, com o intuito de todos desfrutarem dos mesmos benefícios narrados no comercial.

Desde que chegou no Brasil, esses foram alguns trechos retirados do site da empresa para convencer os trabalhadores a se cadastrarem no aplicativo:

Dirija com a Uber. Ganhe dinheiro em seu próprio horário. Você pode dirigir e ganhar tanto quanto você quiser. Dirija somente quando for melhor para você. Sem escritório nem chefe. Isso significa que você pode começar e parar quando quiser. Na Uber, é você quem manda.

Ganhe dinheiro.

Tem um carro? Transforme-o em uma máquina de fazer dinheiro. Tem muita coisa está acontecendo na cidade e a Uber facilita muito para você aproveitare ganhar dinheiro. E mais, você já tem tudo o que precisa para começar.

Dirija quando quiser.

Quer ter mais uma fonte de renda? Como motorista parceiro da Uber, você tem liberdade e flexibilidade para dirigir quando quiser. Crie seu próprio horário e não perca os momentos mais importantes da vida.

Sem escritório, sem patrão.

Se você está sustentando sua família ou economizando para algum projeto no futuro, a Uber lhe dá liberdade para dirigir só quando for vantajoso. Escolha quando dirigir, aonde ir e quem transportar. (UBER, 2023).

A partir desse discurso, pregado pela empresa, é possível perceber a intenção de demonstrar que o trabalho a ser realizado é flexível e livre, de modo que a pessoa que se cadastrar poderá escolher o melhor horário para trabalhar, o dia que pretende trabalhar, sem que haja cobranças de superiores hierárquicos, ou seja, o motorista será dono de si mesmo.

E, foi neste contexto, que a Uber se apropriou da narrativa neoliberal e conseguiu captar um número exorbitante de “colaboradores”, empreendedores de si mesmos, que passaram a gerir a sua própria vida.

Assim como a Uber, as outras empresas de aplicativos de corridas como 99 POP e Cabify, utilizaram de diversas narrativas, a fim de atrair o cadastramento de “parceiros” em seus aplicativos.

Viviane Vidigal realizou uma pesquisa com alguns motoristas de Uber, com a intenção de analisar o trabalho desempenhado por estes trabalhadores, assim como o discurso utilizado por eles para avaliarem o seu próprio trabalho (CASTRO, 2020).

Dentre os entrevistados, destaca-se o motorista Pedro: 33 anos, possui ensino superior e se diz parte da categoria dos “motoristas empreendedores”. Pedro afirma que escolheu ser motorista “pelo desemprego e por não querer ser funcionário em corporações”. “Porque na Uber, não tem chefe pressionando, trabalha a hora que quer.”¹² (CASTRO, 2020, p. 103).

Assim como muitos outros motoristas, Pedro se define como um trabalhador que não gosta de receber ordens, ou se sentir pressionado, uma vez que para ele ser flexível é “não bater cartão” e ser livre, não tendo um chefe que o pressione a realizar suas atividades em um interregno de tempo.

Apesar de afirmar de modo pejorativo que no regime CLT tinha que trabalhar por oito horas, Pedro reconhece que como motorista tem que trabalhar mais horas por dia, caso contrário, o retorno financeiro não seria o suficiente. Entretanto, ele tem a liberdade de escolher o horário que irá trabalhar.

A ideologia do empreendedorismo criou formas de racionalização do trabalho, fazendo com que os sujeitos se vejam como empresários de si mesmos e capital humano, com a contínua necessidade de atualização.

¹² Informação verbal disponibilizada à pesquisadora Castro (Viviane Vidigal de) (2020) e transcrita nesta pesquisa como meio de ilustrar os posicionamentos evidenciados nos capítulos anteriores.

O empreendedorismo fortalece a ideologia da meritocracia e do ganho individual, de modo que aqueles sujeitos que querem se sentir livres, sem cobranças e donos de si mesmos, podem fazer essa escolha e desfrutar dos seus benefícios.

E toda essa narrativa cooptou a subjetividade de Pedro, pois, apesar de ele entender que pretende trabalhar mais horas por dia para ter o retorno financeiro que teria trabalhado como CLT, ele acredita ser livre para escolher o seu horário de trabalho, uma vez que é empreendedor de si mesmo, e não precisa executar ordens de nenhum outro sujeito.

O documentário “Uberland”, coordenado por Giovanni Alves, expõe a experiência vivida pelos motoristas de Uber da cidade de Marília, em São Paulo, e já no início do vídeo há o seguinte letrero: “Ideologia do empreendedorismo, superexploração do trabalho e vida reduzida compõem no seu conjunto, a condição existencial da proletariedade dos ‘uberizados’.” (UBERLAND, 2020).

O vídeo contém o depoimento de quatro motoristas: Adelson, Mauro, Tiago e Carla. Cada um dos depoimentos tem as suas particularidades, retratando o histórico da vida e percepções de cada trabalhador. O presente trabalho, contudo, terá como objetivo analisar apenas os depoimentos prestados pelos motoristas Tiago e Mauro.

Tiago trabalhou ao longo de sua vida como consultor de vendas, porém considerava o seu trabalho estressante, em razão das constantes pressões por venda, e sempre ter um superior hierárquico que o vigiava e pressionava ao trabalho.

Ele afirma ter escolhido os aplicativos para trabalhar por encontrar nesse trabalho dois valores importantes para ele, quais sejam: solidez e liberdade. Além disso, não há nenhum patrão cobrando metas que o deixe estressado. Sendo assim, ele entende que

Tenho gostado de trabalhar com essa livre iniciativa aqui. Eu fico online e offline quando no dia que eu espero e como eu quero. Não tenho compromissos com horários. Fica tudo ao meu critério eu tenho feito Uber e 99 porque eu quero, porque vendas está aberto para mim. (UBERLAND, 2020).¹³

¹³ Informação verbal presente no documentário “Uberland” (2020) e transcrita nesta pesquisa como meio de ilustrar os posicionamentos evidenciados nos capítulos anteriores.

Além disso, ele diz que

[...] pressão, estresse, isso não existe nessa área, pelo menos não para mim está tranquilo como eu trabalhava com um nível grande e alto de pressão de cobrança. Eu repito para você: parece que eu estou de férias trabalhando para aplicativo, me sinto livre, nada pressionado. (UBERLAND, 2020).¹⁴

Analisando o discurso do Tiago, é possível verificar a lógica perversa do discurso neoliberal e a ideologia do empreendedorismo, que faz com que os motoristas se vejam livres pelo simples fato de não terem um horário “rígido” de trabalho, ou até mesmo um chefe para controlá-lo.

Antes de trabalhar como motorista de aplicativo, Mauro era garçom e gerente de barzinho. Ele afirma que tem liberdade no trabalho por aplicativo, já que não possui chefe e nem horários fixos, ainda que precise trabalhar em feriados e finais de semana, dez a doze horas por dia.

Mauro acredita ser empreendedor de si mesmo, porque ele consegue “pegar em dinheiro” todo dia: “As despesas são por minha conta e eu tenho que me disciplinar [pois] a gente pega em dinheiro todos os dias. Eu me sinto como um empreendedor porque é um trabalho que só depende de mim”¹⁵.

Para Mauro, ser empreendedor de si mesmo significa não ter chefe e depender de si mesmo, contudo, o empreendedor de fato é aquele que possui um capital a ser investido e tem um retorno sobre isso, de modo que não dependa exclusivamente daquele trabalho para a sua sobrevivência.

Ser motorista de aplicativo é o que garante a sobrevivência de Mauro e de sua família. Se ele deixa de trabalhar de 10 a 12 horas diárias, não há salário que sustente a sua família.

O discurso da liberdade é presente nas falas tanto de Pedro, como Tiago e Mauro. Ocorre que o entendimento deles sobre liberdade faz parte do entendimento do senso comum e cinge-se em dois principais pilares: não ter horário fixo e não ter um chefe personalizado.

Esses trabalhadores acreditam não serem sujeitos submissos, mas projetos livres de controle e coerção, ou seja, empresários de si mesmos,

¹⁴ Informação verbal presente no documentário “Uberland” (2020) e transcrita nesta pesquisa como meio de ilustrar os posicionamentos evidenciados nos capítulos anteriores.

¹⁵ Informação verbal presente no documentário “Uberland” (2020) e transcrita nesta pesquisa como meio de ilustrar os posicionamentos evidenciados nos capítulos anteriores

contudo, não conseguem enxergar que são submetidos a uma coerção interna traduzidas em forma de obrigações de desempenho, gozo e otimização, e de exploração voluntária de si (HAN, 2020).

É por meio dessas realidades narradas que é possível verificar o êxito do discurso neoliberal do empreendedorismo na sociedade atual, uma vez que os motoristas de Uber não conseguem perceber a realidade por detrás dos seus discursos e do objetivo do neoliberalismo.

Nos casos aqui narrados, os motoristas acreditam serem donos de seu próprio negócio, mas talvez não percebam que são empreendedores de si mesmos, na medida em que não são efetivamente livres para fazer a suas escolhas laborais, contudo, não conseguem ver que, na verdade, essa “liberdade” implica em autoexploração, uma vez que trabalham mais do que o limite diário previsto na Constituição Federal de 1988 (CRFB/1988), sem que tenham nenhuma proteção legal que os alcance.

Além disso, eles são os seus próprios algozes, exigindo de si mesmos a realização de um trabalho sem proteção social e legal, na maioria das vezes, e, ainda, sem a possibilidade de afastamento previdenciário, caso seja necessário, ou até mesmo uma aposentadoria futuramente, ou eventual indenização, em caso de acidente de trabalho.

A estratégia adotada pela ideologia neoliberal é realizar a homogeneização do discurso em torno da figura empresa e entendê-la como a única possibilidade existente, sendo que aqueles que não estiverem dispostos a encará-la estarão fadados ao fracasso e a exclusão social (DARDOT; LAVAL, 2016).

Contudo, a maioria desses trabalhadores não entendem que a própria “escolha” pelo sujeito neoliberal, já se trata de uma escolha de exclusão de direitos e garantias sociais que terão um alto custo pessoal a longo prazo.

A liberdade narrada pelos motoristas de aplicativos é apenas uma palavra vazia, desprovida de um coletivo de trabalhadores que lutem por ela de forma efetiva.

Byung-Chul Han entende que o sujeito neoliberal é incapaz de se relacionar com o outro livre de qualquer propósito como em uma amizade desinteressada, de modo que o importante é a reprodução do capital e a liberdade do indivíduo para se reproduzir (HAN, 2020).

Por se sentirem empreendedores de si mesmos, e por estarem imersos em uma sociedade individualista, os motoristas de aplicativos dificilmente olham para o lado de modo a entender que, na realidade, são todos trabalhadores submetidos a péssimas condições de trabalho, precarizados, sem reconhecimento de classe e embebidos em uma realidade onde apenas o capital lucra. Nesse sentido,

É aqui que reside a inteligência característica do regime neoliberal. Não permite que surja resistência alguma frente ao sistema. No regime da exploração de outrem, pelo contrário, é possível que os explorados se solidarizem e se levantem unidos contra o explorador. É precisamente nessa lógica que se baseia a ideia de Marx da ditadura do proletariado. Todavia, trata-se de uma lógica que pressupõe relações de dominações repressivas. No regime neoliberal do auto exploração, cada um orienta a agressão em direção a si próprio. Esta autogestão transforma o explorado, não em revolucionário, mas em depressivo. (HAN, 2015, p.16).

É chegado o momento do despertar da classe trabalhadora, não apenas dos motoristas, mas de todos aqueles que tiveram a sua subjetividade construída, ou até mesmo capturada, pelo neoliberalismo, e buscar meios de união e solidariedade, a fim de se ter um novo amanhecer e uma nova história a classe secularmente explorada.

7 AS POSSÍVEIS FORMAS DE RESISTÊNCIA DO(A) TRABALHADOR(A) FRENTE AO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL

Em que medida as formas de vida que nos impõe o neoliberalismo são as únicas formas de vida imagináveis? É possível pensar em outras possibilidades de desconstrução do que já está posto e reconstruir novamente? Se sim, quais seriam as bases para isso? E, por fim, seria possível recuperar a capacidade de autonomia crítica e de autodeterminação do sujeito para ditar os ritmos de sua vida pessoal?

São essas as perguntas que se pretende responder no presente capítulo, sem, contudo, esgotá-las, uma vez que, conforme se verá adiante, o caminho da reconstrução é contínuo e deve ser sempre atualizado.

Alain Supiot pontua que “é necessário voltar aos dados elementares se quisermos escapar às miragens da quantificação” (SUPIOT, 1996, p. 102). Ou seja: é preciso pensar em estratégias e possibilidades além daquelas impostas pelo neoliberalismo como verdades absolutas.

A partir das reflexões e análises realizadas até o momento, foi possível verificar que o sistema capitalista sempre produziu a sua ideologia e discurso conforme o momento histórico em que se vivia, com o intuito de formar a sociedade ideal em relação aos assuntos políticos, sociais, econômicos, culturais etc.

O neoliberalismo, como a fase atual do sistema capitalista, a partir de uma rede de técnicas e mecanismos, busca incessantemente a desconstrução da subjetividade do (a) trabalhador(a), visando a criação de sujeitos em consonância com os seus valores de mercado, concorrência e lucro para a fazê-los acreditar que são empresários de si mesmos e capitais a serem constantemente (re)investidos, a fim de auferir lucro.

Ocorre que ao agirem de acordo com a lógica capitalista de ser, esses(as) trabalhadores(as) acabam por se distanciar da sua essência enquanto classe trabalhadora, e desacreditar de instituições sociais e coletivos de trabalho, perdendo, conseqüentemente, a sua capacidade de autodeterminação e crítica, ao agirem apenas segundo as leis “naturais” do mercado e da acumulação de capital.

O capital utiliza de técnicas para fazer com que os(as) trabalhadores(as) acreditem no perigo da história única, ou seja, como se aquela narrativa proposta pelo capital fosse a melhor e a única alternativa a ser adotada pelos sujeitos. Como se apenas houvesse aquela possibilidade para que a sociedade pudesse prosperar e ter uma vida digna, a partir do seu trabalho e disposições pessoais. Esta, todavia, trata-se de uma falácia grotesca, uma vez que existem outras possibilidades a serem adotadas pelos sujeitos, mas, para isso, alguns caminhos devem ser trilhados e reconquistados.

Erik Olin Wright destaca que o capitalismo impede a realização de um conjunto de valores relacionados à igualdade e à justiça, democracia e à liberdade e à comunidade, fazendo a exploração à classe trabalhadora perdurar e a riqueza ser mantida àqueles que estão no controle (WRIGHT, 2019).

María Raquel Gutiérrez Aguilar, Mina Lorena Navarro Trujillo e Lucía Linsalata acreditam que existe a possibilidade de uma crítica radical à modernidade capitalista, desde que seja tomado como ponto de partida as noções de reprodução da vida humana e não humana em seu conjunto (AGUILAR; LINSALATA; TRUJILLO, 2016).

Segundo as autoras, pensar na reprodução da vida significa reconhecer que os seres humanos produzem e reproduzem as suas vidas de forma social, estabelecendo uma multiplicidade de relações de interdependência entre os membros de uma comunidade humana e não humana, ou seja, a natureza, o transcendental etc.

A comunidade é uma condição de existência indispensável para a vida humana, e o sujeito é capaz de criar, reinventar e atualizar permanentemente a sociedade em que vive, por um processo contínuo de relações sociais que se estabelecem na dinâmica da coletividade. Ou seja, não é possível pensar no ser humano como um animal isolado, mas, sim, como parte de uma comunidade em contínuo processo de atualização (AGUILAR; LINSALATA; TRUJILLO, 2016).

Para tanto, é preciso que o sujeito se aproprie de si mesmo, mediante sua capacidade de ser político, no sentido de sintetizar e regenerar a vida social de sua comunidade contra a (in)servidão involuntária, buscando formas satisfatórias de vida para a sua comunidade. Desta forma, segundo as autoras, a capacidade política é intrínseca ao ser humano e o caráter constitutivo e específico de cada um ao buscar novas formas de vida.

A subjetividade de cada sujeito é uma síntese construída a partir da sua interação com o mundo exterior. As experiências vividas são internalizadas pelas pessoas, permitindo que elas se tornem ativas e atribuam um sentido individual ao mundo por meio da criação de construções singulares (NUNES, 2018).

O capitalismo se apropria dessa capacidade política do sujeito de criar e reinventar a sua realidade e existência de modo a direcioná-la apenas para a finalidade econômica, individualista e de valorização do valor de mercado, anulando de modo definitivo os coletivos de trabalhadores e as criações de espaços comuns. Sendo assim, cabe ao ser humano resgatar a sua capacidade de autodeterminação para inverter a realidade ditada pelo capital.

Para essa finalidade, María Raquel Gutiérrez Aguilar, Mina Lorena Navarro Trujillo e Lucía Linsalata destacam a necessidade da produção do comum, referente à produção de relações sociais por meio de processos de associação e cooperação, que promovem o comum entre os sujeitos com os recursos materiais e imateriais daquela comunidade, com vistas a uma existência digna e autodeterminada (AGUILAR; LINSALATA; TRUJILLO, 2016).

Esse processo de produção do comum precisa ser constantemente atualizado, de modo a não desaparecer, e cair em desuso, e ser apropriado pelo capitalismo. No entanto, para isso, é preciso que os sujeitos se proponham a terem objetivos compartilhados com o fim de manter a comunidade forte.

Christian Laval e Francis Vergne anunciam que se o objetivo geral consistir na redução das desigualdades, desenvolver formas democráticas de participação e promover a melhoria na habitualidade do mundo, é obrigação das pessoas, nas próximas décadas, romper com a velha ordem do mundo capitalista através de uma revolução democrática, social, ecológica e política (LAVAL; VERGNE, 2023).

Para que isso seja possível, os autores acreditam ser indispensável a realização de uma revolução escolar, enquanto é necessário formar sujeitos que sejam capazes de uma autodeterminação, autonomia crítica e capazes de controlar o seu próprio destino.

O neoliberalismo, ciente dessa capacidade humana de se reinventar e criar a sua realidade, vem buscando o rearranjo da educação escolar, com vistas para que as pessoas tenham acesso a matérias de empreendedorismo, gestão comercial e empresarial, dentre outras, com o intuito de formar os empresários

de si mesmos, desde as fases pré-escolares.

Contudo, a degradação do ensino, combinada com as crescentes desigualdades, degradação dos laços sociais e falta de perspectivas, vem afetando profundamente as condições de ensino e aprendizagem, e o próprio pensamento crítico das pessoas.

Christian Laval e Francis Vergne afirmam que

[...] enquanto o capitalismo continuar a produzir seus efeitos destrutivos sobre a moral coletiva e o vínculo social, devido às desigualdades que engendra, à valorização exclusiva do sucesso econômico e da competição entre os indivíduos, à mentira manifesta entre os “valores oficiais” e a realidade vivida, a educação dificilmente poderá exercer sobre os alunos e os jovens em geral sua indispensável ação moral, que consiste em tornar cada um respeitoso e responsável pelos outros e por si mesmo, pelos *habitats* humanos e não humanos, e por uma herança comum que se transmite entre gerações. (LAVAL; VERGNE, 2023, p. 12).

A educação necessária à sociedade, na totalidade, transcende os modos tradicionais de ensino. É preciso que ela oportunize a realização de um pensamento crítico da realidade vivida, dos momentos históricos experienciados e busque, a todo custo, a realização de uma igualdade social e política a todos os membros da sociedade, de modo a reafirmar a importância dos coletivos.

É preciso que, através do exercício da educação democrática, os sujeitos possam refletir sobre as instituições e as realidades desejáveis, entendam o seu poder de mudar a realidade e as desigualdades sociais, e compreendam a importância de uma autorreflexividade contínua do mundo, que acolha os interesses sociais e coletivos.

Ao contrário da educação neoliberal, que promove o desinteresse individual pelo comum e pelas instituições sociais, a educação democrática deve ser capaz de resgatar as relações sociais e o próprio interesse individual pelo coletivo, de modo que as pessoas tenham real desejo em discutir novas estratégias e tomadas de decisões para viabilizar um mundo mais democrático e acolhedor, ou seja, é preciso que a educação auxilie no processo de formação de “mentalidades democráticas” (FREIRE, 1973, p. 98). Desta forma,

[...] a tarefa da educação democrática não é, portanto, somente fazer com que cada indivíduo se sinta membro de um grupo para o qual tem obrigações, mas também ensiná-lo a tornar-se um participante ativo na determinação coletiva das regras da vida em comum, e mais

geralmente, um participante ativo da vida social e cultural, da sua renovação e da sua criatividade. E podemos acrescentar: um ser plenamente responsável pelo mundo no qual vai viver. (LAVAL; VERGNE, 2023, p. 24).

Em síntese, é preciso que a educação democrática desperte uma autonomia crítica e criativa, capacidade de duvidar, pesquisar e querer modificar aquela realidade experienciada, justamente porque acredita no seu potencial de criação e reinvenção. Sendo assim, acredita nas mudanças cíclicas e contínuas da sociedade e do sistema dominante:

Crê-se que, a substituição da educação bancária por uma educação libertária – que ao denunciar a opressão cria uma consciência dela como algo que não é natural, mas obra da humanidade – possa levar os próprios oprimidos a um reconhecimento entre seus pares e a uma solidariedade de classes. A conscientização leva a compreensão das estruturas sociais como meios de dominação e violência. Do reconhecimento como empregado oprimido, precariado, nascerá a identidade de classes. Da solidariedade, a indignação em busca de um sistema que respeite a dignidade humana, sem desprezá-la em detrimento da lucratividade desenfreada. (TEIXEIRA, 2020, p. 183).

Christian Laval e Francis Vergne afirmam existir, ainda, cinco princípios aos quais a educação democrática deve atingir para ser oportunizada uma revolução escolar efetiva. Os princípios são: liberdade de pensamento, busca da igualdade no acesso à cultura e ao conhecimento, implementação de uma cultura comum, pedagogia instituinte e, por fim, autogoverno das instituições de conhecimento (LAVAL; VERGNE, 2023).

O próprio sistema capitalista gera anticapitalistas, em razão das condições de trabalho em que as pessoas são submetidas. O autor, entretanto, faz uma ressalva, pois, no capitalismo contemporâneo, ou seja, neoliberalismo, as contradições são mais difíceis de serem diagnosticadas e percebidas pelos trabalhadores e, deste modo, é mais difícil demonstrar a essas pessoas que os seus interesses estão sendo severamente prejudicados pelo sistema atual (WRIGHT, 2019).

Para esse autor, existem diversas etapas que podem ser percorridas para haver a erosão do capitalismo, como o desmantelamento, a domesticação, a resistência e a própria fuga ao sistema. Contudo, para que todas essas alternativas fossem viáveis, é imprescindível que haja agentes políticos de transformação capazes de fazer as estratégias anticapitalistas serem

efetivamente cumpridas (WRIGHT, 2019).

Ou seja, é necessário a criação de atores coletivos fortes, capazes de agir politicamente frente às regras impostas pelo capitalismo. Esses agentes coletivos poderiam ser partidos políticos, associações comunitárias, movimentos sociais e até mesmo sindicatos.

Félix Guattari acredita ser necessário a criação de alianças entre lutas minoritárias para escapar das perversões capitalísticas, a fim de expandi-las com vistas a recomposição de um tecido social, reinvenção da solidariedade e da própria vida social (GUATTARI, 2022).

Porém, é preciso se considerar a sociedade atual, baseada no consumismo, promovendo o distanciamento entre as pessoas, fazendo com que cada um viva a sua vida particular, sem se articular com as questões públicas. Com isso, existem três grandes desafios para construção dos atores sociais aptos a manter uma ação política integrada, quais sejam:

1. sobrepor-se às vidas particulares dos sujeitos; 2. Construir uma solidariedade de classe dentro de estruturas de classe fragmentadas e complexas; 3. Forjar uma política anticapitalista com a participação de diversas e concomitantes formas de identidade que não sejam baseadas na ideia de classe. (WRIGHT, 2019, p.169).

Faz-se necessário entender a complexa teia identitária e promover a formação de uma política progressista, com intuito de abarcar interesses universais relacionados aos valores de igualdade e democracia, podendo citar, a título de exemplo, questões relacionadas a raça, gênero, etnia, sexualidade, dentre outros.

Desta forma, para que a renovação educacional seja iniciada, é necessário que algumas pessoas que já tenham ciência, preocupação e conhecimento crítico assumam a responsabilidade de iniciá-la e pulverizá-la paulatinamente para o restante da sociedade. Ou seja, é preciso que uma parcela da sociedade, já desperta, pela necessidade premente de mudança social e coletiva, com ciência da capacidade criativa e crítica do sujeito, inicie um projeto de revolução educacional.

Alguns exemplos, já existentes na sociedade, podem ser vistos por meio de pesquisas publicadas no âmbito das Ciências Sociais e Políticas, Psicologia, Direito e Filosofia sobre a temática.

A editora Práxis distribui livros, no formato *Portable Document Format* (PDF), nas lives de lançamento, cujos temas são relacionados ao capitalismo global, mundo do trabalho, e outros, com o objetivo de promover a disseminação de conhecimento e contribuir com a formação crítica dos sujeitos

Ana Carolina Paes Lemes possui uma conta na rede social *Instagram*, visando demonstrar a realidade do trabalho por detrás das plataformas digitais dos motoristas de aplicativos, oportunizando lhes ter um pensamento crítico sobre a sua realidade laboral, e a falácia do empreendedor de si mesmo, demonstrando a importância dos coletivos de trabalhadores na luta pelos seus direitos sociais e trabalhistas.

É imperioso que o Direito do Trabalho se preocupe além do subsistema jurídico trabalhista, baseado em normas gerais e especiais de tutela do trabalho, e passe a ter uma visão contextualizada do fenômeno trabalho e das diversas formas de exploração (LOPES; LIRA, 2020).

Sendo assim, é preciso realizar uma revolução democrática educacional, para oportunizar a retomada da autodeterminação e autonomia crítica dos sujeitos, a fim de que tomem as rédeas da construção da própria história e da realidade social em que estão inscritos, respeitando as identidades e as unindo em torno de um propósito comum, a partir da construção de histórias comuns e coletivas, benéficas à vida humana.

Os sujeitos se apegam a necessidade premente de realização dos seus desejos e prazeres, e reproduzem comportamentos de resignação diante do ambiente hostil e sem garantias de solidariedade.

Desta forma, é possível verificar que a empresa de si mesmo é um empreendimento de cunho social e psicológico, que permeia todos os domínios da vida do sujeito e está presente em todas as relações sociais da pessoa, ou seja, trabalho, amizade, relacionamento, educação dos filhos, entre outras.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A subjetividade de cada sujeito é construída e lapidada a partir da sua interação com o meio externo, como o trabalho. As experiências vivenciadas são somatizadas pelos sujeitos e passam por um processo de internalização e conscientização, oportunizando ao sujeito atribuir um significado individual a cada situação. Todo esse processo culmina na produção da subjetividade do ser humano.

A construção da subjetividade é um processo dinâmico dependente diretamente das experiências a serem vivenciadas pelos sujeitos, podendo atribuir-lhes diferentes significados, a depender da realidade em que são colocados.

Sendo assim, diversos são os fatores que atuam sobre a construção e modulação da subjetividade do ser humano, sendo o trabalho e suas experiências, algumas delas.

A forma de organização e divisão social do trabalho e o seu modo de execução reflete na construção social, econômica e política da sociedade, a depender da realidade de cada trabalhador. Nesse sentido, o trabalho é essencial para a construção da subjetividade do ser humano.

No presente trabalho capitalismo é entendido como um sistema em que a grande parte da produção é realizada através de meios de produção oriundos da propriedade privada, utilizando-se de trabalho livre, e tendo como prioridade máxima a acumulação de lucro.

Já o neoliberalismo se trata de uma nova fase do capitalismo e é interpretada como uma racionalidade socioeconômica, político, social, cultural e ideológica que atua diretamente na desarticulação do Estado Social e consequentemente na redução dos direitos sociais, em especial, o direito e as garantias dos trabalhadores, e prioriza a satisfação do lucro.

Desde o surgimento do capitalismo, o trabalho é instrumento de ideologias que atuam diretamente na sua forma de organização e execução, e, consequentemente, na forma em que o sujeito trabalhador atua na estrutura social em que trabalha.

As ideologias são arquitetadas e executadas para manutenção das classes privilegiadas, buscando sempre manter a estrutura material da ordem

dominante e se mantendo inerte aos demais interesses de classes, sobretudo, a classe dos trabalhadores.

O objeto da presente pesquisa é o estudo da ideologia neoliberal, que parte da premissa e põe em prática a ideia de que todas as pessoas têm as mesmas oportunidades de acesso ao mercado e ao triunfo empreendedor, desde que nasceram, portanto, o seu sucesso profissional e pessoal depende apenas da sua capacidade e vontade de vencer e aprender, no vasto universo mercadológico.

O neoliberalismo consiste em uma racionalidade econômica, social, política, cultural, ideológica, e outras, criada como instrumento de reforma dos ideais do liberalismo clássico, e retomada de poder, fazendo com que o mercado e as instituições funcionem consoante a lógica da acumulação de riquezas e desmantelamento da proteção social.

Além disso, o neoliberalismo age como a tecnologia do eu que pretende promover uma subjetividade específica, uma mentalidade empreendedora, que se autogoverna.

Para tanto, o neoliberalismo utiliza da ciência econômica e engenharia social para transmitir os seus ideais e anseios para toda a coletividade, desde as escolas, universidades, espaços comuns, trabalho etc. Utiliza-se também do sofrimento psíquico, mídias, tecnologias da informação e comunicação, neuromarketing, gamificação, algoritmos, *big data*, dentre diversos outros meios.

As técnicas utilizadas pelo neoliberalismo buscam fazer com que o sujeito, maximize a sua existência, baseado na entrega completa a sua atividade profissional e se sinta satisfeito e pessoalmente realizado com os fins empresariais.

Como mecanismos de gestão, o neoliberalismo se apropria do desejo, sentimentos, valores, crenças, individualidade e o tempo para introjetar suas ideias, de modo que nenhum sujeito perceba estar sendo manipulado por algo “estranho” a sua verdade.

Através das estratégias de gestão neoliberais, o trabalho é apresentado ao sujeito como algo atrativo, estimulante e cada trabalhador deve ser responsável pelos seus resultados, o que faz com que cada um tenha uma necessidade permanente de autoaprimoramento.

O neoliberalismo cria, portanto, uma imagem ideal de como o sujeito deve

ser e, a partir de todas as suas técnicas de persuasão e educação, o sujeito passa a se ver no espelho exatamente da forma ditada pelo sistema. Assim, ele passa a gozar dos “benefícios” oferecidos pelo sistema, como a “liberdade” e a “autonomia”.

A ideia central é a transformação do sujeito que agora seja do gozo, desempenho e competição em empreendedor de si mesmo, ou seja, aquele sujeito é feito para ganhar e ser bem-sucedido em todos os aspectos da vida, não apenas o laboral. Nessa toada, o desempenho e o gozo se tornam deveres colonizados pelo neoliberalismo.

O modelo de gestão neoliberal, baseado nos dispositivos de gozo, desempenho e competição, despertam vazios existenciais nos sujeitos trabalhadores, já que estes são incentivados a estarem, a todo momento, conectados com a lógica empreendedora do sistema neoliberal.

O trabalho, na perspectiva da psicodinâmica do trabalho, pode exercer uma função dupla na vida do sujeito trabalhador, uma vez que pode auxiliar no processo de ressignificação do sofrimento e transformação das situações que o criaram, mas pode, também, contribuir para elevar o sofrimento e levar o sujeito a alterações psíquicas críticas.

A premente necessidade de estar acima da média, de ter uma fonte inesgotável de conhecimento, e não poder errar ou se mostrar vulnerável, gera uma sensação de insuficiência, angústia, incompletude. O “super” homem passa a ter a sua personificação na sociedade neoliberal, sempre pronta para novos desafios, se reinventando constantemente.

Todo esse ambiente inaugura uma realidade das patologias do trabalho, traduzidas em estresse, cansaço, ansiedade, depressão, Burnout e o vício por psicotrópicos, que atuam na exata medida para fazer os trabalhadores suportarem a pressão e se manter alerta. Esses medicamentos auxiliam os trabalhadores a aguentarem todo o estresse concorrencial de pressão do sistema.

Além do aumento das categorias de doenças e transtornos psíquicos, através das mudanças sociais propiciadas pelo neoliberalismo, existe a possibilidade de se pensar em intervenções psiquiátricas, mesmo que não haja uma referência à noção de transtorno.

A partir dos mecanismos de construção e captura da subjetividade do ser

humano, tem-se, portanto, que o sujeito neoliberal se dedica inteiramente a sua atividade profissional, pois vê nela o seu empreendimento pessoal e profissional, através do qual poderá satisfazer todos os seus desejos e prazeres.

Para ter acesso ao lucro e ao sucesso pessoal, o sujeito neoliberal está disposto a qualquer sacrifício, assumindo riscos, se sacrificando em nome de um bem maior e, até mesmo, assumindo responsabilidades pessoais por falhas ou problemas sociais. Além disso, o consumo se tornou seu objetivo principal e um importante meio de socialização.

Para exemplificar uma atividade do sujeito neoliberal, analisou-se a categoria dos motoristas de aplicativos. A partir da análise de um documentário e uma pesquisa foi possível perceber que estes trabalhadores são submetidos a gamificação do trabalho e se reconhecem como empreendedores de si mesmos, livres, e autônomos, pelo simples fato de poderem “escolher” os seus horários de trabalho e não ter um chefe que faça cobrança do trabalho realizado.

A gamificação do trabalho é entendida aqui como prática de aplicar características de jogos para engajar e motivar comportamentos a fim de encorajar a intensificação do trabalho e manter os trabalhadores conectados pelo maior tempo possível com vistas a aumentar os seus lucros.

Entretanto, são trabalhadores que reconhecem terem uma jornada de mais de 10 horas diárias, que têm aquele trabalho como meio de sobrevivência próprio e de suas famílias, e não detêm nenhuma proteção social trabalhista, uma vez que são empreendedores e assumem para si o risco de um negócio que, na realidade, se trata de empresas milionárias precarizando a mão de obra do ser humano.

Sob esse cenário, é preciso haver uma reação do ser humano frente as investidas ostensivas do neoliberalismo e o dismantelamento da proteção social.

É preciso que o Direito do Trabalho olhe para as relações de trabalho de forma mais humanizada, ou seja, além do subsistema jurídico, baseado em normas gerais e especiais.

É imprescindível que o sujeito se aproprie de si mesmo, através da sua capacidade de ser político, no sentido de sintetizar e regenerar a vida social de sua comunidade contra a (in)servidão involuntária, buscando formas satisfatórias de vida para a sua comunidade.

A produção do comum pelos sujeitos é necessária para o restabelecimento da solidariedade e retomada do poder às mãos daqueles que dirigem as normas econômicas, políticas e sociais. Os espaços comuns precisam serem locais de trocas e escutas ativas e efetivas, de modo que a sociedade possa reagir, a partir das trocas realizadas.

A revolução escolar por meio de uma educação democrática, que ensine as crianças e a população, em geral, a necessidade da autenticidade e autonomia crítica, diante de processos de tomada de decisão, é imprescindível para que se faça frente a uma realidade de alienação subjetiva da população que acredita haver apenas um caminho a ser seguido.

É preciso relembrar o passado e olhar para o futuro, não caindo na armadilha da história única, (re)contada por diversas vezes pela ideologia neoliberal, mas sabendo que existem muitas possibilidades e caminhos a serem percorridos por aqueles que alienam o seu trabalho, mas não deveriam alienar a sua alma.

REFERÊNCIAS

AÇÕES da uber baseadas em neuromarketing. produzido por João Ricardo Matta. 15 maio. 2020. 1 vídeo (8 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mlzza-ldzge>. Acesso em: 11 jun. 2023.

AGUIAR, A. **A PSQUIATRIA NO DIVÃ**: Entre As Ciências Da Vida E A Medicalização Da Existência. Rio De Janeiro: Relume Dumará, 2004.

AGUILAR, Raquel Guiérrez; LINSALATA, Lucia; TRUJILLO, Mina Lorena Navarro. Produzindo o Comum e Reproduzindo Vida: chaves para repensar a política. In: DINERSTEIN, Ana Cecilia (ed.). **Ciências Sociais por uma outra política**: Mulheres teorizando sem paraquedas. Reino Unido: Universidade de Bath, 2016. p. 79-92; Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312684706_producing_the_common_and_reproducing_life_keys_towards_rethinking_the_political. Acesso em: 14 nov. 2023.

ALMEIDA, Cléber Lúcio de; ALMEIDA, Wânia Guimarães Rabêllo de. **Diálogos em sociologia do trabalho**: a precariedade laboral no Brasil. Belo Horizonte: Conhecimento Editora, 2021.

ALMEIDA, Cleber Lúcio de; ALMEIDA, Wânia Guimarães Rabêllo de. **Neoliberalismo, Subjetividades e Mutações Antropológicas e Políticas**. Belo Horizonte: Conhecimento, 2020.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do Toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANDRADE, Amanda Martins Rosa. **Crises do Estado e direito do trabalho**. São Paulo: LTr, 2020.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços digitais na era digital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da Indústria 4.0. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de consumo**. Tradução de Arthur Morão. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando; SOBOLL, Lis Andrea Pereira. Clínicas do Trabalho: filiações, premissas e desafios. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 14, n. 1, p. 59-72, 2011. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnkpcjpcglclefindmkaj/http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v14n1/v14n1a06.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2023.

BENTHAM, Jeremy et al. **O panóptico**. Organização de Tomaz Tadeu. Traduções de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BLANCO, Jorge Polo. Autoexplotación Posmoderna y Esclavitudes Modernas. Reflexiones en torno a la subjetividad neoliberal. **AGORA, Papeles de Filosofía**, Santiago de Compostela, v. 38, n. 2, p. 23-43, maio 2019. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/agora/article/view/4562>. Acesso em: 17 fev. 2023.

BONACCORSO, S.; STURCHIO, J. Direct to Consumer Advertising Is Medicalizing Normal Human Experience. **British Medical Journal**, v. 324, p. 910-911, 2022. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1122846/>. Acesso em: 09 jan. 2023

BRASIL. **Lei n.º 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei n.º 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei n.º 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 16 out. 2023

BROWN, Wendy. **Nas Ruínas do Neoliberalismo**: a ascensão política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**. Tradução de Maurício Santana Dias. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, 1).

CASTRO-GOMÉZ, **História de la gubernamentalidad**: Razón de Estado, liberalismo y neoliberalismo em Michel Foucault. Bogotá: Siglo del Hombres Editores, 2010. (Filosofía política y del derecho, 1).

CASTRO, M. F. de. A pandemia e os entregadores por aplicativo. **Revista espaço acadêmico**, Maringá, v. 20, p. 70-80, fev. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/57157>. Acesso em: 09 out. 2023.

CASTRO; Viviane Vidigal de. **As ilusões da uberização**: um estudo à luz da experiência de motoristas. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2020.

CASULO, Ana Celeste. **A subjetividade do trabalho uberizado**: o mal-estar na era da barbárie social. São Paulo: Projeto Editorial Práxis, 2023.

CORONA Benito León. El regime de gobierno neoliberal en México. *In*: MARTÍNEZ, Edgar Noé Blancas. **Subjetividad, capital y poder: una aproximación al análisis de dis-posiciones neoliberales**. Pachuca de Soto: Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, 2017.

COUTINHO, Eduardo Granja. Gramsci. A comunicação como política. *In*: COUTINHO, Eduardo Granja; FREIRE FILHO, João; PAIVA, Raquel (orgs.) **Mídia e poder**: ideologia, discurso e subjetividade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 41-55.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980. (Coleção Primeiros Passos, 13).

CHOMSKY, Noam. **O lucro ou as pessoas?** Neoliberalismo e a Ordem Global. Lisboa: Bertrand, 2002.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003. *E-book*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/161189793/A-Sociedade-do-Espetaculo-Guy-Debord>. Acesso em: 12 mar. 2023.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. Tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

DEJOURS, Christophe. **Trabalho vivo I – Sexualidade e trabalho**. Tradução de Franck Soudant. São Paulo: Bulcher, 2022.

DULCE, María José Fariñas. Neoliberalismo versus Democracia. *In*: ARAÚJO, Adriane Reis de; D'AMBROSO, Marcelo José Ferlin (coord.). **Democracia e Neoliberalismo**: O legado da Constituição em tempos de crise. 2. ed. rev. e ampl. Salvador: Juspodivm, 2019.

DUNKER, Christian. Hipótese depressiva. *In*: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

DUNKER, Christian *et al.* Para uma arqueologia da psicologia neoliberal brasileira. *In*: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

ECO, Umberto. Para una guerrilla semiológica. *In*: ECO, Umberto. **La estrategia de la ilusión**. Barcelona: Lumen, 1987.

FOUCAULT, Michel. O nascimento da biopolítica. Tradução de Pedro Elói Duarte, Lisboa: Edições 70, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalheite. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **L'Éducation pratique de la liberté**. Paris: Éditions du Cerf, 1973.

FUMAGALLI, Andrea. **Bioeconomia y capitalismo cognitivo**: havia um nuevo paradigma de acumulacion. Tradução de Antonio Antón Hernández, Joan Miquel Gual Vergas e Emmanuel Rodríguez López. Madrid: Traficantes de Sueños, 2010.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Tradução de Ivo Storniolo. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUATTARI, Félix. **Os anos de inverno (1980-1985)**. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

HARVEY, D. **O Neoliberalismo**: história e implicações. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

HAYEK, F. A. **O caminho da servidão**. Tradução de Anna Maria Capovilla *et al.* 6. ed. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises, 2010.

HERMAN, Edward S; CHOMSKY, Noam. **A manipulação do público**. Tradução de Bazán Tecnologia e Linguística. São Paulo: Futura, 2003.

JORGE, Camila; BARCELOS, Débora de Jesus Rezende; TEODORO, Maria Cecília Máximo. Do panóptico ao neuromarketing: manipulação e controle dos trabalhadores pela empresa uber. *In: Revista Direitos Culturais*, Santo Ângelo, v. 16, n. 40, p. 25-44, dez. 2021. Disponível em: <https://san.uri.br/revistas/index.php/direitosculturais/article/view/414/323>. Acesso em: 10 jun. 2023.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2019.

LAVAL, Christian; VERGNE, Francis. **Educação democrática**: a revolução escolar iminente. Tradução de Fabio Creder. Petrópolis: Vozes, 2023.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: N-1 Editora, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **Critique of everyday life**: Introduction. London: Verso, 1991. (Critique of everyday life, 1).

LEME, Ana Carolina Reis Paes. **Da máquina a nuvem**. São Paulo: LTR, 2019.

LEME, Ana Carolina Reis Paes. Neuromarketing e sedução dos trabalhadores: o caso Uber. *In: CARELLI, Rodrigo de Lacerda; CAVALCANTI, Tiago Muniz; FONSECA, Vanessa Patriota da. (org.). Futuro do Trabalho*: os efeitos da revolução digital na sociedade. Brasília: ESMPU, 2020.

LOPES, Everaldo Gaspar; LIRA, Fernanda Barreto. O diálogo do direito do trabalho com a teoria organizacional: a crítica do trabalho subordinado na crítica filosófica da modernidade. *In: Revista Faculdade de Direito da UFMG*, Belo Horizonte, n. 76, p. 213-228, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revista.direito.ufmg.br/index.php/revista/article/view/2066>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MARILENA CHAUI - Neoliberalismo - 1/3. Palestrante: Marilena Chaiu. São Paulo: USP, ago. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6b0B5pavV3t5ljURs31KYw>. Acesso em: 17 mar. 2023

MARIUTTI, Eduardo Barros. **O Colóquio Walter Lippman e a gênese do neoliberalismo**: apontamentos. Campinas: Unicamp, IE, 2021.

MERLIN, Nora. **Mentir y Colonizar**: Obediencia inconsciente y subjetividade neoliberal. Buenos Aires: Letra Viva, 2019.

MERQUIOR, José Guilherme. **O Liberalismo Antigo e Moderno**. São Paulo: É Realizações, 2014.

MESZÁROS, Itsván. **O poder da ideologia**. Tradução de Paulo Cesar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2012.

MILANOVIC, Branko. **Capitalismo, Apenas**: o futuro do sistema que domina o mundo. Coimbra: Actual, 2022.

MISES, Ludwig Von. **L'action humaine**: Traité d'économie. Tradução de Raoul Audouin. Paris: Institut Coppet, 1949. *E-book*. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.institutcoppet.org/wp-content/uploads/2011/01/Laction-humaine-Ludwig-von-Mises.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2023

MOYNIHAM, R; HEATH, I; HENRY, D. Selling Sickness: The Pharmaceutical Industry and the Disease Mongering. **British Medical Journal**, v. 324, p. 886-891, 2002. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1122833/>. Acesso em: 05 jun. 2023

NAVARRO, Vicenç. Neoliberalismo, desempleo, empleo y estado de bienestar. In: MORENO, Luis. **Unión Europea y estado del bienestar**. Madrid: CSIC, 1997. (Coleção Politeya, 10).

NEVES, Antonio *et al.* A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

NICOLI, Massimiliano. "Soy una empresa". Biopolítica y capital humano. **Arxius de Ciències Socials**, València, n. 36-37, p. 269-278, jun./dez. 2017. Disponível em: <https://roderic.uv.es/bitstream/handle/10550/66744/6431801.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 jan. 2023.

NUNES, Ana Flávia Paulinelli. **Trabalho e Subjetividade**: a necessária reconstrução de uma ideologia compromissória e humanizadora. 2018. Dissertação (Mestrado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. Tradução de Rafael Abraham. Santo André: Editora Rua do Sabão, 2020.

ORSINI, Adriana Goulart de Sena. Jurimetria e predição: notas sobre o usos dos algoritmos e o Poder Judiciário. In: CARELLI, Rodrigo de Lacerda; CAVALCANTI, Tiago Muniz; FONSECA, Vanessa Patriota da. **Futuro do trabalho**: os efeitos da revolução digital na sociedade. Brasília: ESMPU, 2020.

PATEL, Neil. **Neuromarketing**: saiba como o cliente pensa e use isso a seu favor. In: PATEL, Neil. **NEIL PATEL**. [S. L.], 2020. Disponível em: <https://neilpatel.com/br/blog/neuromarketing/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PIKETTY, Thomas. **Capital e ideologia**. Tradução de Maria de Fátima Oliva do Coutto. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

PRIVACIDADE hackeada. Direção: Karim Amber e Jehane Noujaim. [S. L.]: Netflix, 2019. 1 vídeo (114 min). Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80117542>. Acesso em: 14 jun. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidade-razionalidad. *In*: QUIJANO, Aníbal. **Ensayos em torno a la colonialidad del poder**. Buenos Aires: Del Signo, 2019. p. 151-200.

RIBEIRO, Ailana. **Trabalho para Consumo**. Curitiba: Editora CRV, 2021.

ROSE, Nikolas. Governando a Alma: a formação do eu privado. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Liberdades Reguladas**: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 30-45.

SACCHI, Emiliano. Neoliberalismo e subjetividad: Notas para pensar la gubernamentalidad de nuestro tempo. **IDENTIDADES**, Terra do Fogo, n. 10, a. 6, p. 22-33, jun. 2016. Disponível em: https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/147776/CONICET_Digital_Nro.e4f08cc4-7853-4029-8ca4-52fee6de3002_A.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 20 set. 2023

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. *In*: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SALAZAR, Areli Patrícia Escobar. **Las fábricas de charla em Santiago de Chile**: materialidade y subjetividade del Trabajo em los call centers. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social e Cultural) - Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2012.

SILVA, Thamara Karen Teixeira. **Direito do trabalho, ideologia e televisão**: um estudo de caso. 2020. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SUPIOT, Alain. Introducción a las reflexiones sobre el trabajo. **Revista Internacional del Trabajo**, Genebra, v. 115, n. 6, p. 658-669, jun. 1996. Disponível em: <https://www.ilo.org/public/spanish/revue/sommaire/115-6.htm>. Acesso em: 10 jan. 2023.

TEIXEIRA, Carolina de Souza Novaes Gomes. **Educação Contra A Opressão**: Educação Libertária e o protagonismo do precariado. Curitiba: Editora CRV, 2020.

TEODORO, Maria Cecília Máximo. A síndrome de patrão. *In*: Migalhas. **MIGALHAS**. [S. L.], 4 maio. 2017. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/258217/a-sindrome-de-patrao>. Acesso em: 11 set. 2022.

TEODORO, Maria Cecília Máximo. **Crise do Estado Social e o Papel do Juiz na Efetivação de Direitos Trabalhistas**. 2009. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TEODORO, Maria Cecília Máximo. O Trabalhador-Consumidor no Panóptico pós-moderno. **Revista da Faculdade Mineira de Direito**, Belo Horizonte, v. 24, n. 47, p. 327-341, jul. 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/Direito/article/view/24755/18197>. Acesso em: 5 jun. 2023.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1998.

TOBÓN, Mauricio Alexander Arango; HERNÁNDEZ, Mauricio Hernando Bedoya; DUQUE, Luz Adriana Munoz. La vida como trabajo: La emergencia de la subjetividade trabajadora en el neoliberalismo. **Athenea Digital**, Barcelona, v. 21, n. 3, e. 2653, p. 1-22, nov. 2021. Disponível em: <https://atheneadigital.net/article/view/v21-3-arango-bedoya-munoz/2653-pdf-es>. Acesso em: 22 jul. 2023

TOURAINÉ, Alain. **Crítica de la modernidade**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1994.

UBER, Equipe. Fatos e dados sobre a Uber. *In*: UBER, Equipe. **UBER NEWSROOM**. São Paulo, ago. 2023. Disponível em: <https://www.uber.com/pt-BR/newsroom/fatos-e-dados-sobre-uber/>. Acesso em: 10 jun. 2023.

UBER – jeito diferente. Produzido por Uber Sessões Online. [S. L.], 19 ago. 2017. 1 vídeo (1 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hXQUvROnJUI&ab_channel=Uber-Sess%C3%A3oOnline. Acesso em: 10 jun. 2023.

UBERLAND. Produção: Felipe Aiello. Projeto CineTrabalho, PRÁXIS Vídeo. São Paulo, 2020. 1 vídeo (32 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ehj7lInZ2Gw&ab_channel=ProjetoCineTrabalho. Acesso em: 23 out. 2023

VIDIGAL, Viviane. **Capitalismo de plataforma**: as facetas e as falácias. Leme-SP: Mizuno, 2023.

VIEIRA, Carlos Eduardo Carrusca; BARROS, Vanessa Andrade; LIMA, Francisco de Paula Antunes. Uma abordagem da psicologia do trabalho, na presença do trabalho. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 155-168, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v13n1/v13n1a10.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2023

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7-72.

WRIGHT, Erik Olin. **Como ser antcapitalista no século XXI?** Tradução de Fernando Cauduro Pureza. São Paulo: Boitempo, 2019.

ZAFALON, Míriam; SILVA, Marisa Corrêa. Sujeito imortal, sujeito interpassivo: A ambiguidade da personagem épica. **Anu.Lit.**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 107-120, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2017v22n2p107/35540>. Acesso em: 1 out. 2023.

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do Amor**. São Paulo: Appris Editora, 2022.

ZIZEK, Slavoj. **How to read Lacan**. New York: W.W. Norton Company, 2006.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. *In*: BRUNO, Fernanda *et al.* (org.). **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018.